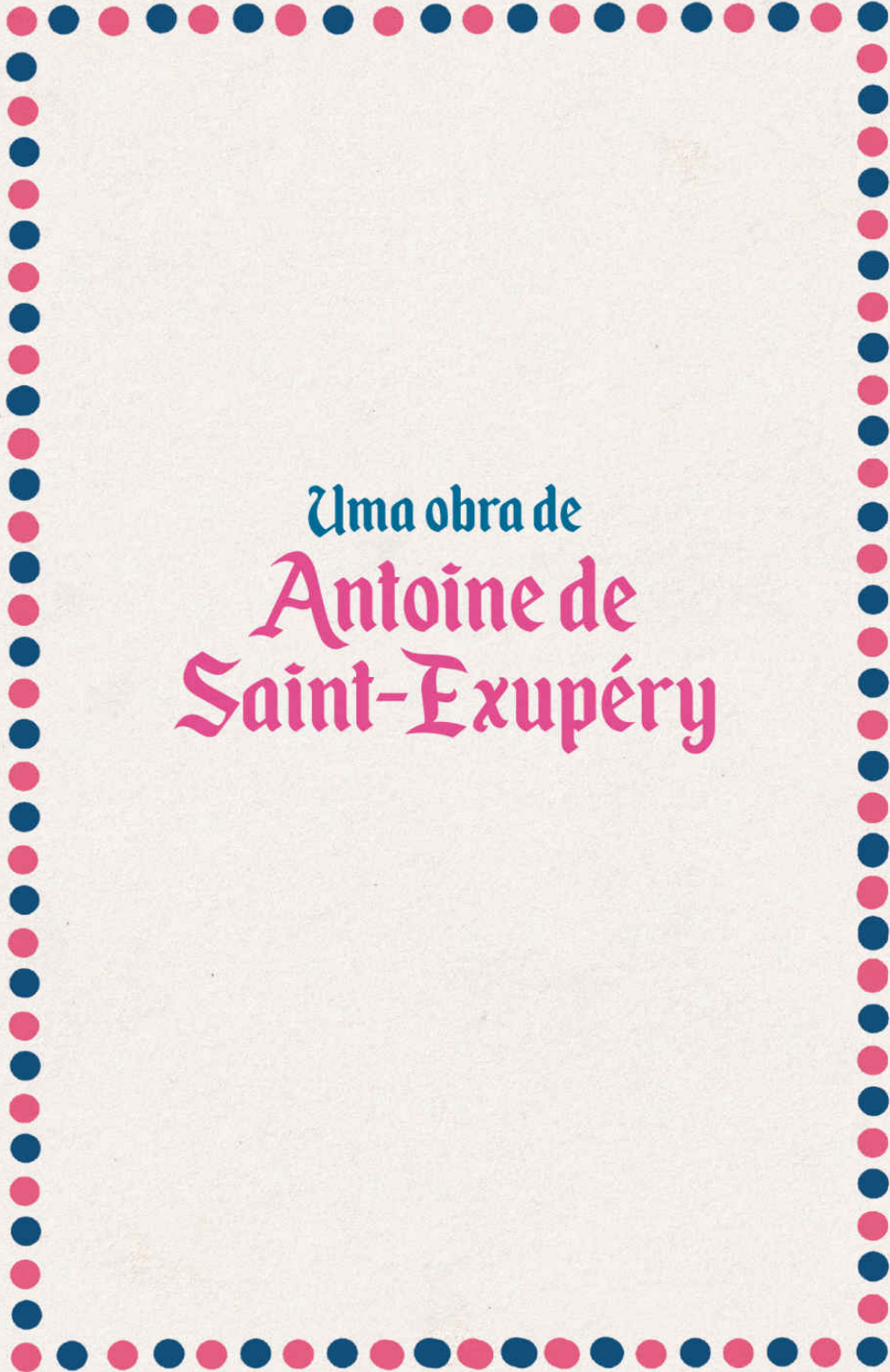


O Pequeno Príncipe



Antoine de Saint-Exupéry

1943 . M 00033 x
ANTO
FÁGICA x
AGO 10
4 AM
22 . 0008



Uma obra de
**Antoine de
Saint-Exupéry**



Tradução de
Heloisa Jahn

Artes de
Lu Cafaggi

Coordenação editorial

Editorial

**BÁRBARA PRINCE
ROBERTO JANNARELLI
& VICTORIA REBELLO**

Comunicação

**MAYRA MEDEIROS,
PEDRO FRACCHETTA &
GABRIELA BENEVIDES**

Preparação

**SILVIA MASSIMINI
FELIX**

Revisão

**CÁSSIO YAMAMURA &
NATÁLIA MORI
MARQUES**

*Diagramação e produção
gráfica*

DESENHO EDITORIAL

Projeto gráfico e capa

GIOVANNA CIANELLI

Textos de:

ADRIEL BISPO

TOQUINHO

ROSANA KOHL BINES

THIAGO QUEIROZ

Esqueceram-se da manutenção dos vulcões:

DANIEL LAMEIRA

LUCIANA FRACCHETTA

RAFAEL DRUMMOND

&

SERGIO DRUMMOND

O Pequeno Príncipe

Antoine de Saint-Exupéry



ANTOFÁGICA

Apresentação

por
Adriel Bispo

Eu li *O pequeno príncipe* pela primeira vez quando tinha nove anos. Minha mãe trouxe de um sebo um livrinho de capa branca, com as páginas um pouco amareladas ilustradas com as aquarelas originais do autor, e me deu de presente. “Foi indicado pela sua tia”, ela disse. O curioso é que nenhuma das duas tinha lido a história antes, mas sabiam que era um livro feito para crianças e acharam que eu pudesse gostar. E por esse mesmo motivo eu achei que *não* fosse gostar: aos nove anos eu não me via como criança. Achava que já era maduro e crescido, e preferia ser visto como um adulto.

Mesmo antes dos nove, eu já lia muitos livros. Minha mãe sempre foi a maior incentivadora, e me oferecia doces e brinquedos em troca dos livros que eu lia. Mas não foi assim com *O pequeno príncipe*. Ela o deixou no meu quarto e não prometeu nada em troca. Resolvi dar uma chance. Durante um mês, li mais ou menos uma página por dia. Quando terminei, lembro muito bem da sensação: fiquei satisfeito. Não ganhei balinha nenhuma, mas senti na pele o orgulho de ter terminado o primeiro livro que li por vontade própria.

Foi assim que, logo de cara, *O pequeno príncipe* virou o meu livro favorito. Sempre que a minha mãe dizia que eu não podia fazer algo, eu argumentava: “mas eu li um livro!”. Não posso dizer que entendi a história tanto quanto entendo hoje. Mesmo assim, me identifiquei muito com o personagem. Eu era criativo, tinha uma imaginação muito fértil. Eu

apontava para as nuvens e dizia ver cobras, tartarugas, mas para os adultos era sempre “só uma nuvem”.

No ano passado, lendo o livro pela segunda vez, um outro personagem me marcou muito: o administrador de estrelas. O trabalho dele, como vocês vão ver, é contar estrelas. Quando acaba de contar, em vez de fazer outra coisa, ele vai lá e recomeça outra vez. Ele trabalha sem parar, e não tem tempo para fazer coisas de que realmente gosta. Foi com ele que percebi que aquilo que pensei quando ganhei o livro pela primeira vez era bobagem: este não é um livro só para crianças. Hoje, eu só estudo. Mas sei que, quando começar a pensar em trabalho, vou lembrar deste livro. E também sei que das próximas vezes em que for ler *O pequeno príncipe*, principalmente nesta edição, em que a Lu Cafaggi reimaginou e reinventou as ilustrações originais, outras mensagens vão aparecer.

Por enquanto, a mensagem que carrego comigo é: não precisamos querer crescer tão rápido. Quando crescemos, passamos a ter mais responsabilidades, e menos tempo para fazer aquilo de que realmente gostamos. Entendi que o melhor mesmo é aproveitar a infância o máximo possível, porque, quando crescermos, vamos desejar ter aproveitado.

ADRIEL BISPO é um jovem leitor apaixonado que desde os onze anos mantém a página Livros do Drii, onde indica obras clássicas e contemporâneas para jovens adultos. É apresentador do programa Você Me Representa, na GNT.

Para Léon Werth

As crianças que me perdoem por dedicar este livro a um adulto. Tenho uma explicação séria: esse adulto é o melhor amigo que eu tenho no mundo. Tenho outra explicação: esse adulto é capaz de entender todas as coisas, inclusive livros para crianças. Tenho uma terceira explicação: esse adulto vive na França e passa fome e frio. Está precisando ser consolado. Se todas essas explicações não forem suficientes, estou disposto a dedicar este livro à criança que esse adulto foi um dia. Todos os adultos primeiro foram crianças. (Mas poucos deles se lembram disso.) De modo que corrijo minha dedicatória:

*Para Léon Werth
quando era menino*

Sumário

[Folha de rosto](#)

[Apresentação](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[Canto e encanto](#)

[Uma história em vertigem](#)

[Um diálogo sobre infâncias](#)

[Página de direitos autorais](#)

1

Quando eu tinha seis anos, certa vez vi uma figura incrível num livro sobre a floresta virgem chamado *Histórias vividas*. A figura mostrava uma jiboia engolindo uma fera. O desenho era assim:



No livro, estava escrito: “As jiboias engolem suas vítimas inteiras, sem mastigar. Depois não conseguem mais se mover e dormem durante os seis meses da digestão”.

Fiquei muito tempo pensando sobre as aventuras da selva, e também eu, com um lápis de cor, consegui fazer meu primeiro desenho. Meu desenho número 1. Ele era assim:

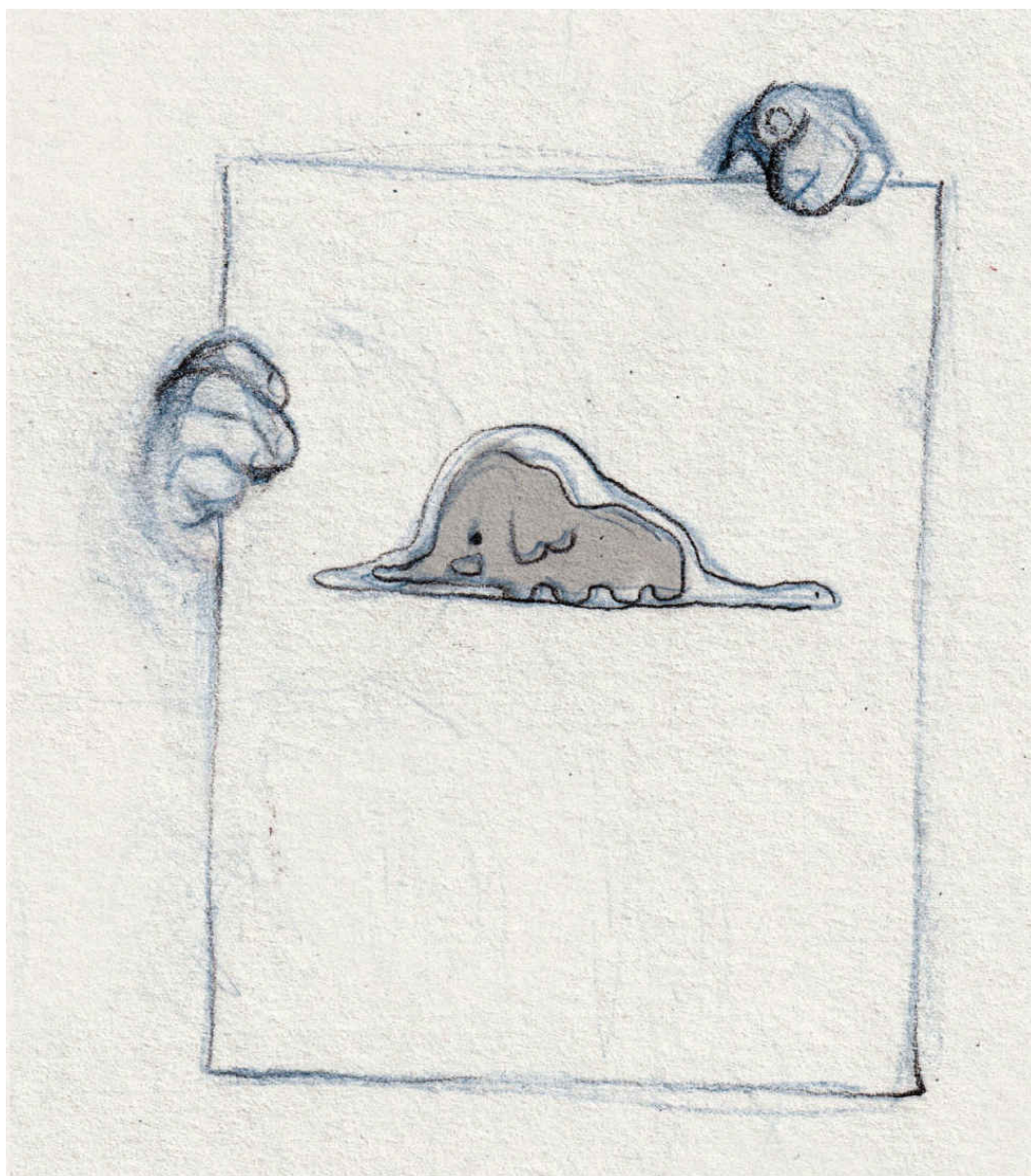


Mostrei minha obra-prima aos adultos e perguntei se ficavam com medo ao ver meu desenho.

Eles me responderam: “Por que ficar com medo de um chapéu?”.



Eu não tinha desenhado um chapéu. Tinha desenhado uma jiboia digerindo um elefante. Então desenhei a jiboia por dentro, para que os adultos conseguissem entender. Sempre é preciso explicar tudo aos adultos. Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos me aconselharam a esquecer a história de desenhar jiboias abertas ou fechadas e a prestar mais atenção em geografia, história, aritmética e gramática. Foi assim que, aos seis anos de idade, abandonei uma grandiosa carreira de pintor. Desanimei por causa do fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. Os adultos nunca entendem nada sozinhos, e para as crianças é bem cansativo passar o tempo todo explicando e explicando.

De modo que tive de escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei por tudo quanto é lugar deste mundo. E é verdade que a geografia me ajudou bastante. Eu sabia reconhecer de cara se um lugar era a China ou o Arizona. Quando a gente se perde no meio da noite, isso é uma coisa muito útil.

Assim, ao longo da minha vida, entrei em contato muitas vezes com um monte de gente séria. Vivi com os adultos durante muito tempo. Observei os adultos bem de perto. Minha opinião sobre eles não melhorou grande coisa por causa disso.

Quando eu encontrava um adulto que parecia um pouco mais esclarecido, fazia a experiência do meu desenho número 1, que sempre guardei comigo. Queria verificar se ele era mesmo uma pessoa sensível. Mas ele sempre respondia: “É um chapéu”. Aí eu não falava nada sobre jiboias, nem sobre florestas virgens, nem sobre estrelas. Falava de coisas que aquela pessoa entendia. Conversava sobre bridge, golfe, política, gravatas... E o adulto ficava todo satisfeito de conhecer um sujeito sensato como eu.





2

E assim levei uma vida solitária, sem ninguém com quem conversar de verdade, até sofrer uma pane no deserto do Saara, há seis anos. Havia alguma coisa quebrada no motor do meu avião. E como eu não levava mecânico nem passageiros, vi que seria preciso tentar fazer, sozinho, um conserto difícil. Para mim, era questão de vida ou morte. Minha água potável dava, no máximo, para oito dias.

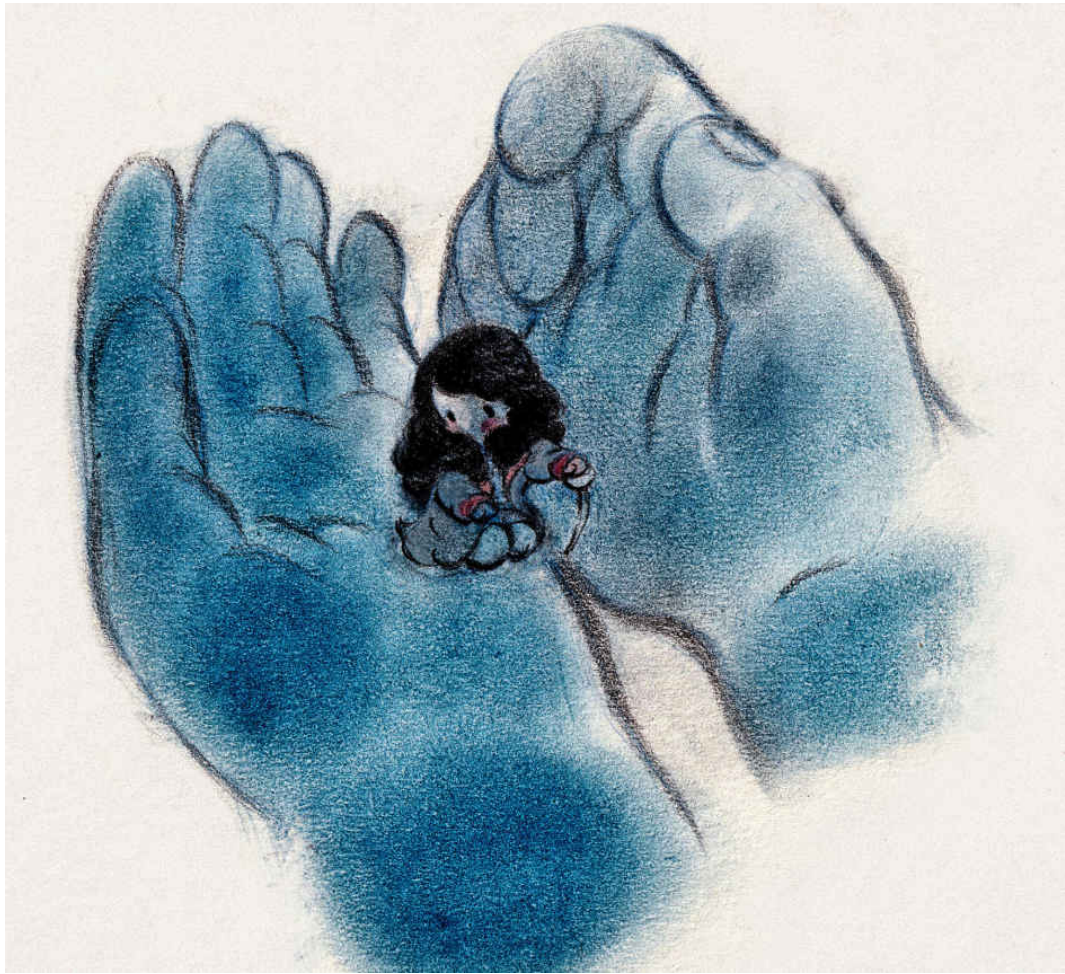
Desse modo, na primeira noite dormi no chão, a mais de mil e quinhentos quilômetros de distância de um lugar habitado. Estava bem mais isolado do que um naufrago numa jangada no meio do oceano. Por isso, vocês podem imaginar minha surpresa quando uma vozinha esquisita me acordou, assim que clareou o dia. Disse:

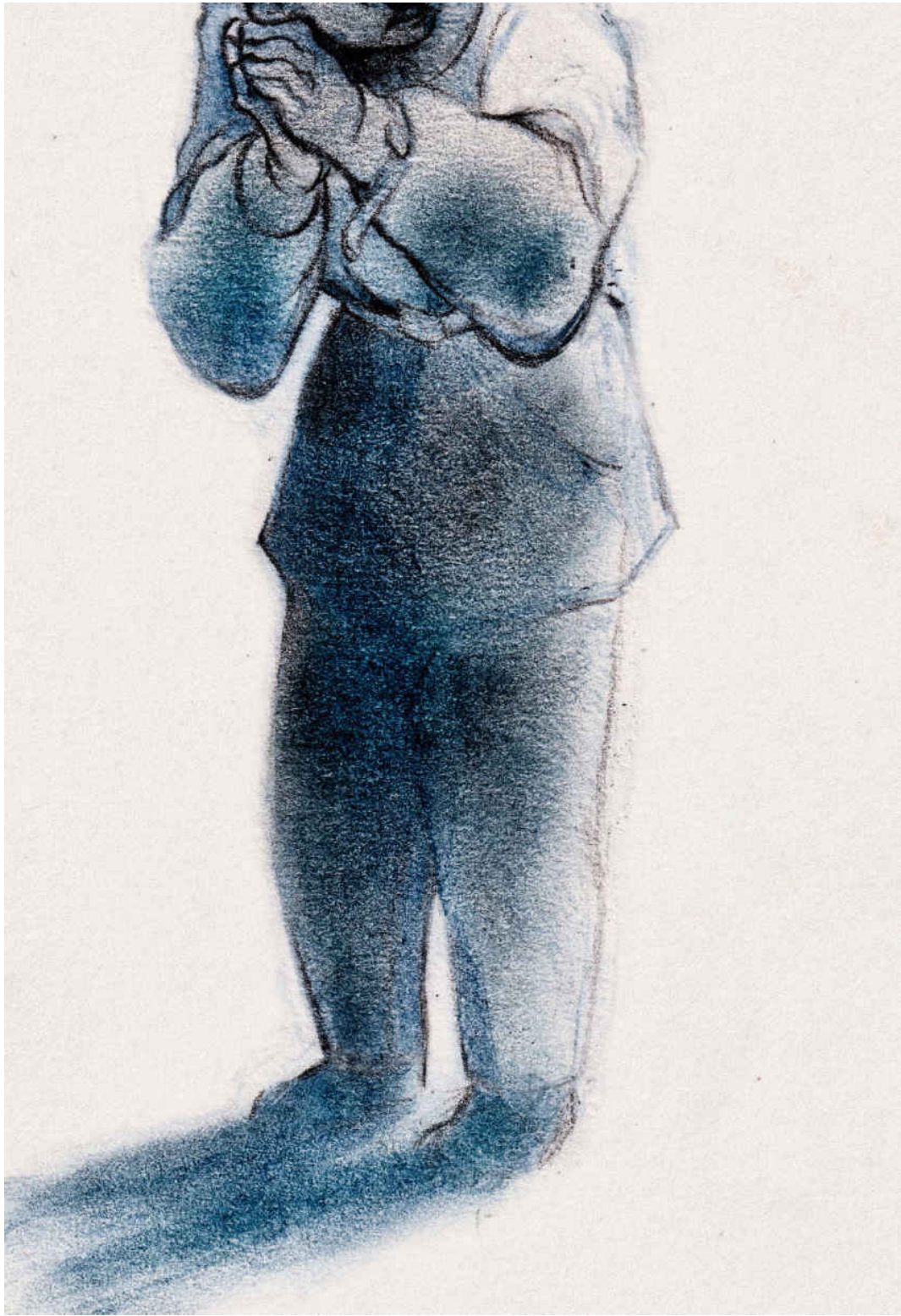
— Por favor... desenhe uma ovelha pra mim!

— O quê?

— Desenhe uma ovelha pra mim...

Levantei de um salto, parecia que tinha sido atingido por um raio. Esfreguei bem os olhos. Olhei com atenção. E vi um homenzinho completamente assombroso olhando sério para mim. Este é o melhor retrato que consegui fazer dele depois. Só que, claro, meu desenho é muito menos sensacional do que o modelo. A culpa não é minha. Aos seis anos de idade, os adultos haviam desestimulado minha carreira de pintor e eu nunca tinha aprendido a desenhar coisa nenhuma, além de jiboias fechadas e jiboias abertas.







Então olhei para aquela aparição com os olhos arregalados de espanto. Não esqueçam que eu estava a mais de mil e quinhentos quilômetros de uma região habitada. Ora, meu homenzinho não dava a impressão de estar nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Não parecia nem um pouco uma criança perdida no meio do deserto, a mil e quinhentos quilômetros de uma região habitada. Quando afinal consegui falar, disse a ele:

— Mas... o que você está fazendo aqui?

E aí ele repetiu com a maior delicadeza, como se fosse uma coisa muito séria:

— Por favor... desenhe uma ovelha pra mim...

Quando o mistério é realmente impressionante, não temos coragem de desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse, a mil e quinhentos quilômetros de todo lugar habitado e correndo risco de vida, tirei do bolso uma folha de papel e uma canetinha. Mas nesse momento me lembrei de que meus estudos tinham sido principalmente de geografia, história, aritmética e gramática, e disse ao homenzinho (com uma ponta de mau humor) que não sabia desenhar. Ele respondeu:

— Não faz mal. Desenhe uma ovelha pra mim.

Como eu nunca tinha desenhado uma ovelha, desenhei de novo para ele um dos dois únicos desenhos que eu sabia fazer. O da jiboia fechada. E fiquei de queixo caído quando ouvi o homenzinho responder:

— Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. As jiboias são muito perigosas e os elefantes ocupam muito espaço. Eu moro num lugar bem pequeno. Estou precisando de uma ovelha. Desenhe uma ovelha pra mim.

Então eu desenhei:



Ele olhou com atenção, depois disse:
— Não! Essa já está muito doente. Faça outra.
Desenhei:



Meu amigo sorriu gentilmente, com doçura:

— Olhe... Dá pra perceber que isso não é uma ovelha, é um carneiro.

Tem chifres...

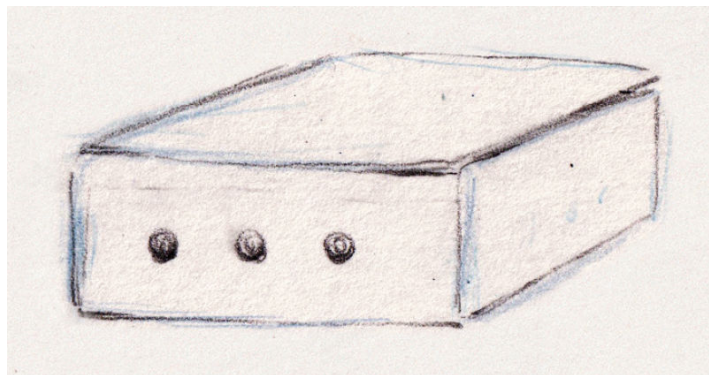
Fiz o desenho outra vez:



Mas ele foi recusado, como os anteriores.

— Essa é muito velha. Quero uma ovelha que viva muitos anos.

Então, já sem paciência, como tinha pressa de começar a desmontar meu motor, rabisquei este desenho:



E falei:

— Isso é a caixa. A ovelha que você quer está aí dentro.

Mas fiquei muito surpreso ao ver o rosto do meu jovem juiz se iluminar:

— Era exatamente o que eu queria! Você acha que essa ovelha vai precisar de muito pasto?

— Por quê?

— Porque eu moro num lugar muito pequeno...

— Não vai ter problema, não se preocupe. Essa ovelha que eu dei pra você é bem pequena.

Ele inclinou a cabeça para o desenho:

— Nem tão pequena assim... Olhe! Ela está dormindo...

E foi assim que conheci o príncipezinho.

3

Precisei de muito tempo para entender de onde ele tinha saído. O principezinho me fazia muitas perguntas, mas dava a impressão de nunca ouvir as minhas. Foram algumas palavras pronunciadas por acaso que pouco a pouco me revelaram tudo. Assim, quando ele viu meu avião pela primeira vez (não vou desenhar meu avião, é um desenho muito complicado para mim), ele me perguntou:

— O que é aquela coisa?

— Aquilo não é uma coisa. Aquilo voa. É um avião. O meu avião.

E fiquei orgulhoso de dizer a ele que podia voar. Então ele exclamou:

— Como assim?! Você caiu do céu?

— Isso — respondi, tímido.

— Ah! Que coisa mais estranha!

E o principezinho soltou uma risada muito bonita que me irritou demais. Gosto que levem minhas desgraças a sério. Depois acrescentou:

— Nesse caso, você também veio do céu! De que planeta você é?

No mesmo instante vi uma fraca luzinha no mistério da presença dele, e perguntei sem rodeios:

— Quer dizer então que você veio de outro planeta?



Mas ele não respondeu. Balançou a cabeça com doçura, olhando para meu avião:

— É verdade que naquilo você não pode ter vindo de muito longe...

E com isso ficou pensativo por muito tempo. Depois, tirando minha ovelha do bolso, mergulhou na contemplação do seu tesouro.

Vocês podem imaginar a que ponto eu tinha ficado intrigado com aquela pequena confiança sobre “os outros planetas”. De modo que me esforcei para descobrir mais alguma coisa:

— De onde você veio, meu jovem? Onde é a “sua casa”? Pra onde você quer levar a minha ovelha?

Depois de um silêncio meditativo, ele disse:

— A vantagem da caixa que você me deu é que à noite ela pode servir de casa...

— Claro. E, se você se comportar bem, posso lhe dar uma corda pra amarrar a ovelha durante o dia. E ainda uma estaca.

O príncipezinho pareceu ficar chocado com a ideia:

— Amarrar a ovelha? Que ideia!

— Mas, se ficar desamarrada, ela pode ir pra qualquer lugar e se perder!

E meu amigo soltou outra risada:

— Mas pra onde você quer que ela vá?!

— Pra qualquer lugar. Pode ir sempre em frente...

Então o príncipezinho comentou, muito sério:



— Não faz mal, o lugar onde eu moro é tão pequeno!
E, talvez com certa melancolia, acrescentou:
— Andando sempre em frente não se vai muito longe...

4

Foi assim que fiquei sabendo de uma segunda coisa muito importante: o planeta de origem do príncipezinho era pouco maior do que uma casa!

Eu não tinha por que me impressionar muito com isso. Sabia muito bem que, tirando os planetas grandes como a Terra, Júpiter, Marte e Vênus, planetas que receberam nomes, há centenas de outros que às vezes são tão pequenos que fica muito difícil avistá-los pelo telescópio. Quando um astrônomo descobre algum deles, em vez de nome lhe dá um número. Por exemplo, chama-o de “asteroide 325”.

Tenho sérias razões para acreditar que o planeta de onde o príncipezinho vinha é o asteroide B 612. Esse asteroide só foi avistado ao telescópio uma vez, em 1909, por um astrônomo turco.

Na época, ele tinha feito uma grande demonstração da sua descoberta num congresso internacional de astronomia, mas ninguém acreditou nas suas palavras por causa da roupa que estava vestindo. Os adultos são assim.

Felizmente para a reputação do asteroide B 612, um ditador turco obrigou seu povo a se vestir como os europeus, sob pena de morte. O astrônomo repetiu sua demonstração em 1920, vestindo um terno muito elegante. E dessa vez todo mundo concordou com ele.

Se contei a vocês esses detalhes sobre o asteroide B 612 e se revelei seu número, foi por causa dos adultos. Eles adoram números. Quando você fala para os adultos de um novo amigo, eles nunca lhe fazem perguntas sobre o essencial. Nunca querem saber: “Como é o som da voz dele? Do que ele gosta de brincar? Ele coleciona borboletas?”. Perguntam: “Qual é a idade dele? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto o pai dele ganha?”. Só assim têm a impressão de conhecer seu novo amigo. Se você diz aos

adultos: “Vi uma linda casa de tijolo cor-de-rosa com gerânios nas janelas e pombas no telhado...”, eles não conseguem imaginar a casa. É preciso dizer: “Vi uma casa de cem mil francos”. Aí eles exclamam: “Que maravilha de casa!”.

Assim, se você diz aos adultos: “A prova de que o príncipezinho existiu é que ele era encantador, ria e queria uma ovelha. Se a pessoa quer uma ovelha, isso prova que ela existe”, eles dão de ombros e falam que você é uma criança! Mas se você diz: “O planeta de onde ele vinha é o asteroide B 612”, eles se convencem e param de atormentar com perguntas. Os adultos são assim. Não devemos ficar com raiva deles por isso. As crianças precisam de muita paciência com os adultos.

Mas, claro, nós que compreendemos a vida não estamos nem um pouco interessados em números! Eu gostaria de ter começado esta história ao estilo dos contos de fadas. Gostaria de ter dito:



“Era uma vez um príncipezinho que vivia num planeta um pouquinho maior do que ele e que estava precisando de um amigo...” Para quem compreende a vida, teria soado muito mais verdadeiro.

Porque eu não gosto que leiam meu livro sem levá-lo a sério. Fico tão triste ao contar essas lembranças... Já faz seis anos que meu amigo partiu com sua ovelha. Se estou tentando descrevê-lo aqui, é para não esquecê-lo. É triste esquecer um amigo. Nem todo mundo teve um amigo. E posso acabar como os adultos, que só se interessam por números. De modo que é também por isso que comprei uma caixa de aquarelas e lápis. É difícil, na minha idade, recomeçar a desenhar, quando as únicas tentativas anteriores foram desenhar aos seis anos de idade uma jiboia fechada e uma jiboia aberta! Claro, vou me esforçar para fazer retratos tão fiéis quanto possível. Mas não tenho tanta certeza de que vou conseguir. Um desenho dá certo, outro não fica nem um pouco parecido. Também me atrapalho um pouco com a altura dele. Aqui o príncipezinho está alto demais. Ali, baixo demais. Além disso, não estou seguro quanto à cor da sua roupa. Então, vou tentando do jeito que consigo. Por fim, também vou me enganar sobre alguns detalhes mais importantes. Mas, quanto a isso, vocês vão ter de me perdoar. Meu amigo nunca dava explicações. Talvez me achasse parecido com ele. Mas eu, infelizmente, não sei ver ovelhas dentro de caixas. Talvez eu seja um pouco como os adultos. Acho que envelheci.



5

Todo dia eu descobria alguma coisa sobre o planeta, sobre a partida, sobre a viagem. A história ia se revelando devagar, ao sabor das nossas conversas. Foi assim que, no terceiro dia, fiquei sabendo do drama dos baobás.

Ainda dessa vez, o ponto de partida foi a ovelha, pois de repente o principezinho me perguntou, com jeito de quem está diante de uma dúvida muito séria:

— É verdade, não é, que as ovelhas comem os arbustos?

— É verdade, sim.

— Ah! Que alívio!

Não entendi por que era tão importante que as ovelhas comessem arbustos. Mas o principezinho acrescentou:

— Ou seja, elas também comem os baobás...

Chamei a atenção do principezinho para o fato de que os baobás não são arbustos, mas árvores do tamanho de igrejas e que, mesmo que ele levasse para a casa dele um rebanho inteiro de elefantes, esse rebanho não conseguiria dar cabo de um só baobá.

Ao pensar num rebanho de elefantes, o principezinho começou a rir:

— Seria preciso empilhar os elefantes...

Mas, com muita sabedoria, observou:

— Antes de crescer, os baobás são bem pequenos.

— É verdade! Mas por que você quer que suas ovelhas comam os pequenos baobás?

— Ora, o que você acha? — disse ele, como se a resposta fosse óbvia.

E precisei fazer um grande esforço de entendimento para compreender o problema sem que ninguém me explicasse.

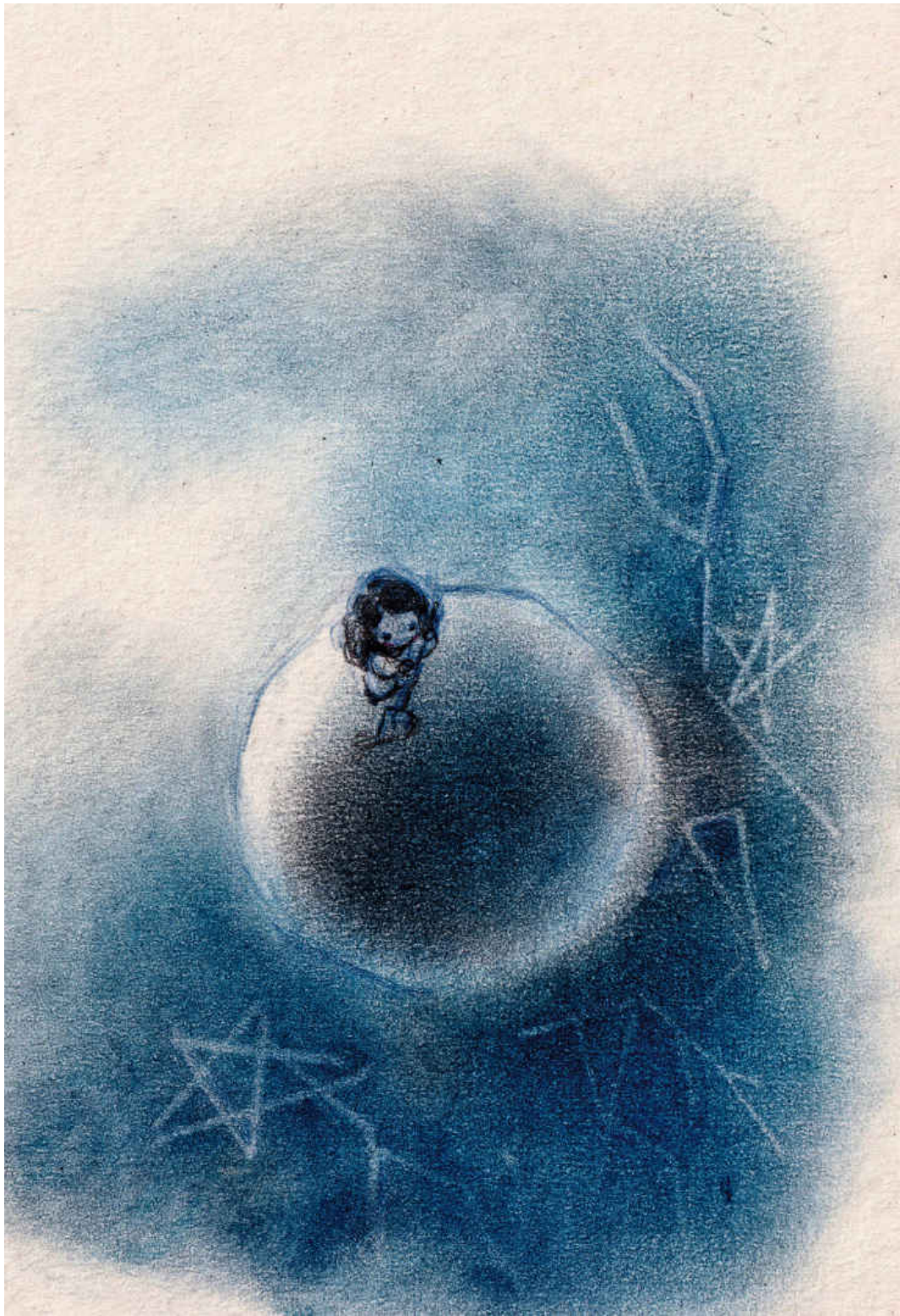
De fato, no planeta do príncipezinho, como em qualquer outro planeta, havia ervas boas e ervas daninhas. Portanto, sementes boas de ervas boas e sementes daninhas de ervas daninhas. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem no segredo da terra até que uma delas resolva acordar. Aí ela se espreguiça e começa a crescer na direção do sol, no início meio medrosa, um pequeno talinho inofensivo. Se for um talinho de rabanete ou de roseira, podemos deixá-lo crescer do jeito que ele achar melhor. Mas se for uma planta daninha, é preciso arrancá-la na mesma hora, assim que a reconhecemos. Pois bem, havia sementes terríveis no planeta do príncipezinho... eram as sementes de baobá. O solo do planeta estava infestado de sementes de baobá. Ora, se demoramos muito para começar a enfrentar o problema do baobá, é possível que nunca mais consigamos resolvê-lo. O baobá invade o planeta inteiro. Deixa-o todo perfurado com suas raízes. E se o planeta for muito pequeno, e se os baobás forem muito numerosos, o resultado é que o planeta estoura.



— É uma questão de disciplina — o príncipezinho me disse mais tarde. — Assim que acabamos a nossa higiene pela manhã, é preciso cuidar muito bem da higiene do planeta. A nossa tarefa incessante é arrancar os baobás assim que percebemos que eles não são roseiras, com as quais se parecem muito quando são bem pequenos. É um trabalho muito aborrecido, mas muito fácil.

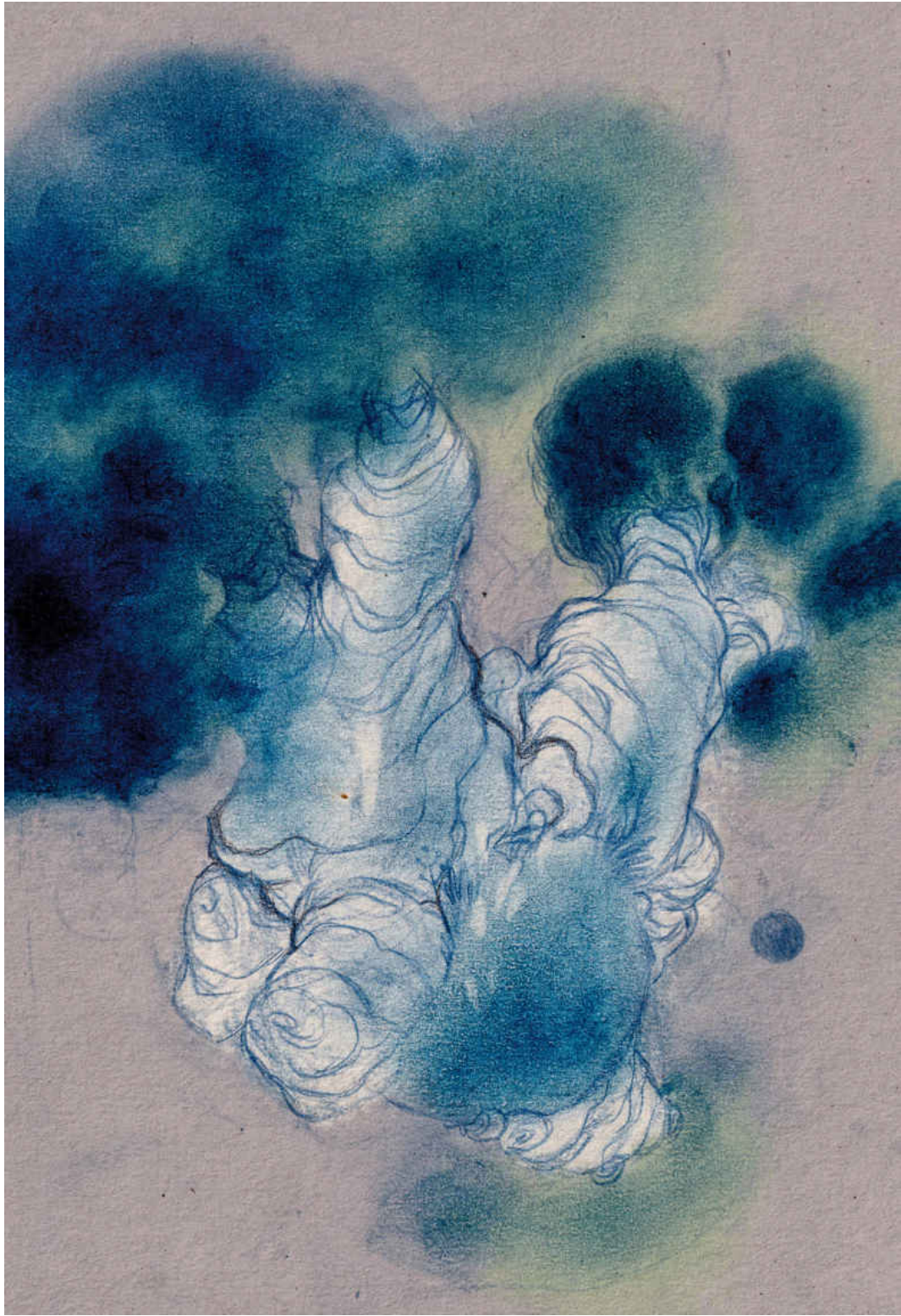
E um dia ele me disse que eu devia me esforçar para fazer um desenho bem bonito, para que aquilo entrasse na cabeça das crianças da minha terra.

— Se um dia elas forem viajar — disse —, a informação poderá ser útil. Às vezes, não tem problema deixar o nosso trabalho pra mais tarde. Mas, em se tratando de baobás, isso será sempre um desastre. Conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Ele não tinha tomado conta de três arbustos...



E, seguindo as instruções do príncipezinho, desenhei o tal planeta. Não gosto de assumir um tom moralista, mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e os perigos que ameaçam todo aquele que por acaso se perde num asteroide são tão consideráveis que, por uma vez, abri uma exceção à minha antipatia. Eis meu aviso:

“Crianças! Cuidado com os baobás!” Foi para alertar meus amigos sobre um perigo com o qual eles conviviam desde havia muito tempo, tal como eu mesmo, sem ter consciência dele, que caprichei tanto neste desenho. A lição que desejava dar valia a trabalhadeira. Talvez vocês estejam se perguntando: por que nenhum dos outros desenhos deste livro é tão grandioso quanto o desenho dos baobás? A resposta é muito simples: eu tentei, mas não consegui. Quando desenhei os baobás, estava dominado pelo sentimento de urgência.



6

Ah! Principezinho, assim fui compreendendo pouco a pouco sua vidinha melancólica. Durante muito tempo, sua única distração tinha sido a doçura do pôr do sol. Fiquei sabendo desse novo detalhe no quarto dia pela manhã, quando você me disse:

- Gosto muito do pôr do sol. Vamos ver um pôr do sol...
- Mas vamos ter que esperar...
- Esperar o quê?
- Esperar que o sol se ponha.



Primeiro você ficou com uma expressão muito surpresa, depois riu de você mesmo. E me disse:

— Sempre acho que estou em casa!

De fato. Quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol, como todo mundo sabe, se põe na França. Se fosse possível ir à França num minuto, daria para assistir ao pôr do sol. Infelizmente a França fica muito longe. Mas no seu pequeno planeta você só precisava arrastar um pouquinho a cadeira. E assistia ao pôr do sol sempre que tinha vontade...

— Um dia, vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes!

E um pouco mais tarde você acrescentou:

— Sabe... quando ficamos realmente tristes, gostamos do pôr do sol...

— Quer dizer que, nesse dia das quarenta e quatro vezes, você estava mesmo muito triste?

Mas o príncipezinho não respondeu.

7

No quinto dia, sempre graças à ovelha, este segredo da vida do príncipezinho me foi revelado. Ele me perguntou de repente, sem preâmbulos, como se fosse o fruto de um problema meditado em silêncio durante muito tempo:

— Se uma ovelha come os arbustos, quer dizer que também come as flores?

— Uma ovelha come tudo o que vê pela frente.

— Até flores com espinhos?

— Sim. Até flores com espinhos.

— Os espinhos, então... servem pra quê?

Eu não sabia. Naquele momento, estava muito ocupado tentando desatarraxar uma cavilha excessivamente justa do meu motor. Minha inquietação era grande, pois aquela pane começava a me parecer muito séria; a água potável estava acabando e eu já temia o pior.

— Os espinhos servem pra quê?

Depois de fazer uma pergunta, o príncipezinho nunca desistia dela. Eu estava irritado com a história da cavilha e respondi qualquer coisa:

— Os espinhos não servem pra nada, é pura maldade das flores!

— Oh!

Mas depois de um silêncio ele retrucou, com uma espécie de rancor:

— Não acredito em você. As flores são frágeis. São bobinhas. Elas se tranquilizam do jeito que podem. Elas se acham terríveis com os seus espinhos...

Não respondi. Naquele instante, estava dizendo a mim mesmo: *Se essa cavilha não sair, dou-lhe uma martelada e ela pula fora.* O príncipezinho se

intrometeu mais uma vez nas minhas reflexões:

— Mas você acha, então, que as flores...

— Não! Não! Não acho nada! Falei a primeira coisa que me veio à cabeça. Estou ocupado com coisas sérias!

Ele olhou para mim estarecido.

— Coisas sérias?!

Estava me vendo de martelo na mão, com os dedos pretos de graxa, inclinado sobre um objeto que lhe parecia muito feio.

— Você fala como um adulto!

Fiquei um pouco envergonhado. Ele, porém, sem a menor pena, acrescentou:

— Você confunde tudo... mistura tudo!

Estava realmente muito irritado. Agitava seu cabelo dourado ao vento:

— Conheço um planeta onde vive um senhor bem vermelho. Ele nunca respirou uma flor. Nunca olhou pra uma estrela. Nunca amou alguém. A única coisa que ele já fez na vida foi somar. Ele passa o dia inteirinho repetindo, que nem você: “Eu sou um homem sério! Eu sou um homem sério!”, e fica estufado de orgulho. Mas na verdade ele não é um homem, é um cogumelo!

— Um o quê?

— Um cogumelo!

Agora o príncipezinho estava pálido de fúria.

— Há milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões de anos que mesmo assim as ovelhas comem as flores. E você acha que não é uma coisa séria tentar entender por que elas têm todo esse trabalho de fabricar espinhos que nunca servem pra coisa nenhuma? A guerra entre as ovelhas e as flores não é uma coisa importante? Então isso não é mais sério e mais importante do que as somas de um senhor gordo e vermelho? E se eu conhecer uma flor única no mundo, que não existe em nenhum outro lugar que não seja o meu planeta, uma flor que uma ovelhinha de nada pode aniquilar de uma tacada só, sem mais, uma manhã, sem se dar conta do que está fazendo, então isso não é importante?



Ele enrubesceu, depois continuou:

— Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em meio aos milhões e milhões de estrelas, isso basta pra que esse alguém fique feliz ao contemplá-las. Ele diz a si mesmo: “Minha flor está lá, em algum lugar...”. Mas, se a ovelha come a flor, pra ele é como se de repente todas as estrelas se apagassem! E isso não é importante?

Não conseguiu dizer mais nada; de repente, desatou a chorar. A noite havia caído. Eu deixara as ferramentas de lado. Não estava mais interessado no meu martelo, na minha cavilha, na sede e na morte. Sobre uma estrela, sobre um planeta, o meu, a Terra, havia um príncipezinho precisando de consolo! Tomei-o nos braços. Embalei-o. Dizia a ele:

— A flor que você ama não está em perigo... Vou desenhar uma focinheira pra sua ovelha... Vou desenhar uma armadura pra sua flor... Eu...

Eu não sabia direito o que dizer. Estava me sentindo um desastrado. Não sabia como chegar até ele, como ir ao seu encontro... O país das lágrimas é tão misterioso!

8

Em pouco tempo, aprendi a conhecer melhor aquela flor. As flores do planeta do príncipezinho sempre tinham sido muito simples, com uma única fileira de pétalas, flores que não ocupavam espaço e não incomodavam ninguém. Apareciam na relva pela manhã e à noite deixavam de existir. Mas aquela, especial, certo dia havia germinado de uma semente trazida de algum lugar desconhecido, e o príncipezinho vigiara bem de perto o talinho que não se parecia com os outros talinhos. Quem sabe fosse uma nova espécie de baobá... Mas o arbusto logo parou de crescer e começou a preparar uma flor. O príncipezinho, vendo a formação de um botão enorme, pressentia que dali iria sair uma aparição miraculosa. Só que a flor nunca acabava de se preparar para ser bela, bem protegida no seu abrigo verde. Escolhia suas cores com todo o cuidado. Ia se vestindo devagar, ajeitava suas pétalas uma a uma. Não queria sair toda amarrotada, como as papoulas. Só queria se mostrar quando estivesse no pleno apogeu da sua beleza. Era uma flor muito vaidosa! Se era! Por isso, seus misteriosos preparativos tinham durado dias e mais dias. E então ocorreu que certa manhã, exatamente na hora do nascer do sol, ela se deixara ver.



E depois de trabalhar com tanto esmero, disse, com um bocejo:

— Ah! Acabo de acordar... Por favor, me desculpem... Ainda estou toda despenteada...

Vendo aquilo, o príncipezinho não conseguiu disfarçar sua admiração:

— Como você é linda!

— Pois é! — respondeu a flor com suavidade. — E nasci junto com o sol...

O príncipezinho bem que se deu conta de que ela não era lá muito modesta, mas era tão comovente!

— Acho que está na hora do café da manhã — dissera a flor dali a pouco. — Será que você teria a delicadeza de pensar em mim?



E o príncipezinho, todo atrapalhado, depois de sair em busca de um regador com água fresca, tinha servido a flor.

E assim, sem demora, ela começara a atormentá-lo com sua vaidade um tanto melindrosa. Um dia, por exemplo, falando dos seus quatro espinhos, dissera ao príncipezinho:

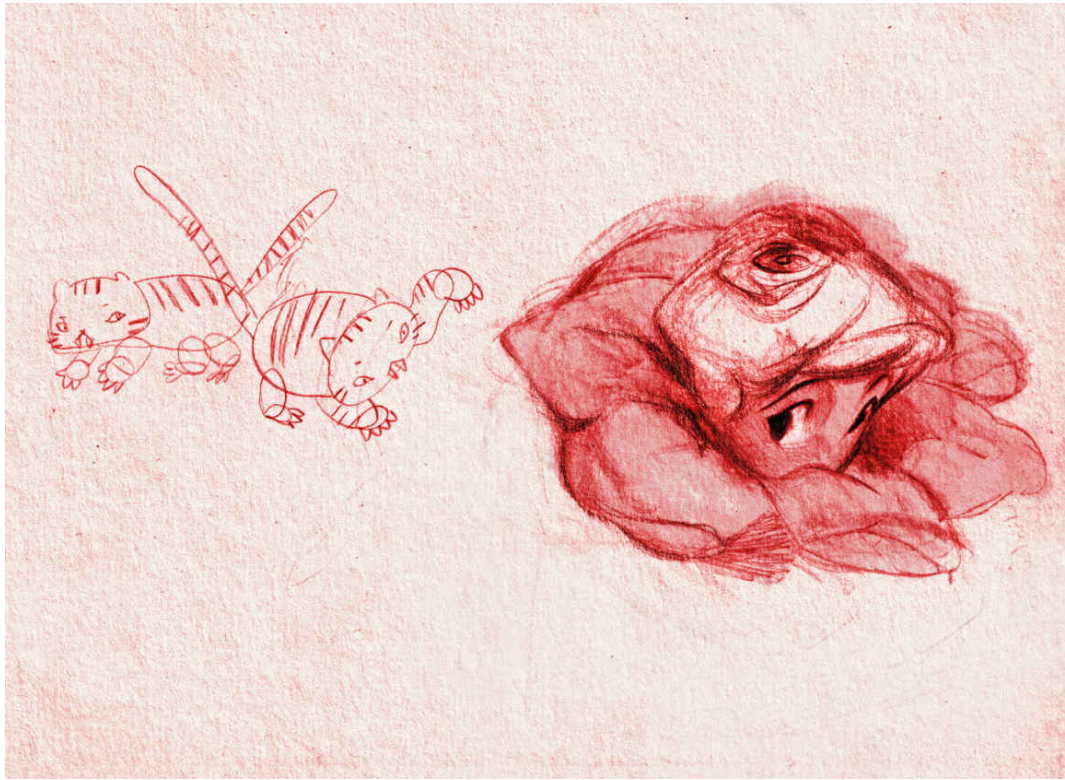
— Eles que venham, os tigres, com as suas garras!

— Não há tigres no meu planeta — objetara o príncipezinho —, e, além disso, tigres não comem verdura.

— Não sou verdura — respondera a flor suavemente.

— Desculpe...

— Não tenho o menor medo de tigre, mas tenho horror de correntes de ar. Por acaso você teria um biombo?



Horror de correntes de ar... Nada prático, pra uma planta, pensara o príncipezinho. Essa flor é bem complicada...

— À noite, você me cobre com uma redoma. Faz muito frio, aqui na sua casa. Não é um lugar confortável. No lugar de onde eu venho...

Mas a flor se calara. Chegara na forma de semente. Não tivera como conhecer outros mundos. Humilhada por se deixar flagrar inventando uma mentira boba daquelas, ela dera duas ou três tossidas para que o príncipezinho percebesse que estava equivocado.

— E o biombo que lhe pedi?

— Eu já ia buscar, mas você estava falando comigo!

Então ela havia tossido mais um pouco para deixá-lo com remorso.





E com isso, em pouco tempo o príncipezinho começara a duvidar dela, apesar da boa vontade do seu amor. Levava a sério palavras inconsequentes e ficara muito infeliz.

— Eu não devia ter acreditado nela — disse-me ele um dia. — Não devemos acreditar nas flores. Devemos olhá-las e respirá-las. A minha perfumava o meu planeta, mas eu não sabia ficar feliz com isso. Em vez de ficar chateado com a história das garras, devia ter me enternecido...

E também disse:

— Quer dizer, eu não soube compreender coisa nenhuma! Deveria ter julgado a minha flor pelos atos, não pelas palavras. Ela me dava o seu perfume e me iluminava. Eu nunca deveria ter fugido! Deveria ter adivinhado a ternura que havia por trás daqueles caprichos. As flores são tão contraditórias! Mas eu era muito jovem pra saber amá-la.

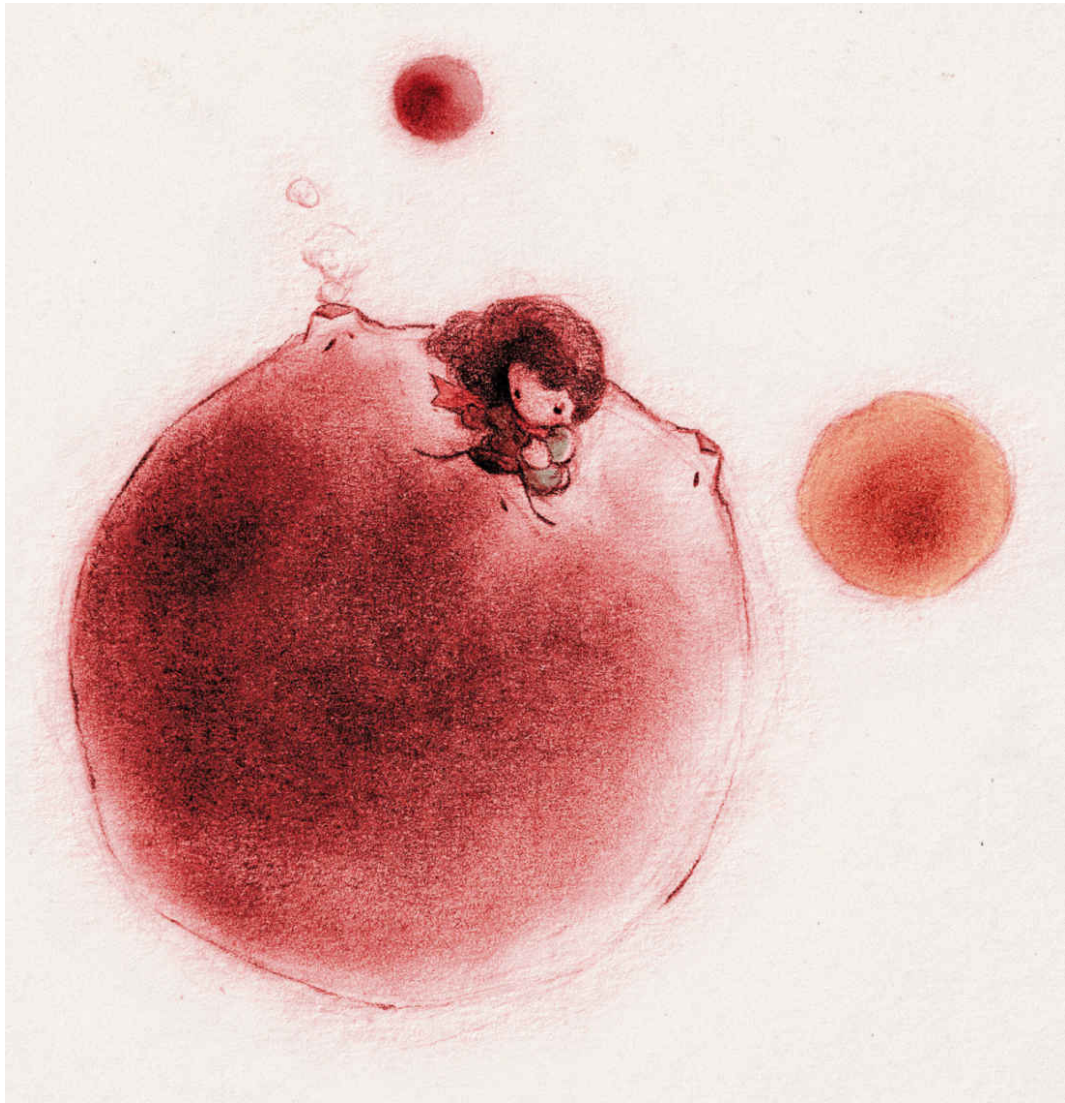
9

Acho que para fugir ele aproveitou uma migração de pássaros selvagens. Na manhã da partida, deixou seu planeta bem arrumadinho. Limpou com cuidado o interior dos seus vulcões ativos. Era proprietário de dois vulcões ativos. Muito prático para aquecer o café da manhã. Também era proprietário de um vulcão extinto. Mas, como ele dizia: “Nunca se sabe!”. Por isso limpou também o interior do vulcão extinto. Quando estão bem limpos, os vulcões ardem de maneira suave e regular, sem erupções. As erupções vulcânicas são como os incêndios de chaminé. É claro que na nossa Terra somos pequenos demais para limpar o interior dos nossos vulcões. É por isso que eles nos causam tantos problemas.

O príncipezinho arrancou também, com certa melancolia, os últimos brotos de baobá. Estava convencido de que nunca mais voltaria. Mas todas essas tarefas cotidianas lhe pareceram, naquela manhã, extremamente reconfortantes. E quando regou a flor pela última vez e se preparou para deixá-la protegida embaixo da sua redoma, percebeu que estava com vontade de chorar.

— Adeus — disse ele à flor.

Mas ela não respondeu.



— Adeus — ele repetiu.

A flor tossiu. Mas não por causa do resfriado.

— Fui uma boba — disse ela, afinal. — Por favor, me desculpe. Tente ser feliz.

Ele ficou surpreso com a ausência de recriminações. Ficou ali parado, confuso, de redoma na mão. Não entendia aquela doce calma.

— Pois é, eu amo você — disse a flor. — Você nem desconfiou, e a culpa foi minha. Isso não tem a menor importância. Mas você foi tão bobo quanto eu. Tente ser feliz... Largue essa redoma. Não quero mais redoma.

— Mas e o vento...

— Não estou tão resfriada assim... O ar fresco da noite me fará bem. Sou uma flor.

— Mas e os animais...

— Vou ter que aguentar duas ou três lagartas, se quiser conhecer as borboletas. Parece que são tão bonitas... Porque se não forem elas, quem virá me visitar? Você estará longe. Quanto aos animais grandes, não tenho medo deles. Tenho as minhas garras.

E, ingenuamente, mostrava seus quatro espinhos. Depois acrescentou:

— Não fique protelando as coisas desse jeito, é irritante. Você resolveu ir embora. Então vá.

Pois ela não queria que ele a visse chorar. Era uma flor tão orgulhosa...

10

Ele estava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Assim, a primeira coisa que fez foi visitá-los para ver se encontrava uma ocupação e para se instruir.

O primeiro era habitado por um rei. O rei, vestido de púrpura e arminho, estava instalado num trono muito simples e ao mesmo tempo majestoso.

— Ah! Eis um súdito! — exclamou o rei ao ver o príncipezinho.

E o príncipezinho se perguntou: *Como ele pode me reconhecer, se nunca me viu?*

Não sabia que, para os reis, o mundo é muito simples. Todos os seus habitantes são súditos.

— Chegue mais perto pra que eu o veja melhor — disse o rei, muito orgulhoso de finalmente ser rei de alguém.

O príncipezinho procurou com os olhos um lugar para se sentar, mas o planeta estava todo recoberto pelo magnífico manto de arminho. De modo que ficou em pé e, como estava cansado, bocejou.

— É falta de educação bocejar na presença de um rei — declarou o monarca. — Você está proibido de fazer isso.

— Não consigo evitar — respondeu o príncipezinho, envergonhado. — Fiz uma longa viagem e ainda não dormi...



— Nesse caso — disse o rei —, ordeno-lhe que boceje. Faz muitos anos que não vejo alguém bocejar. Pra mim, bocejo é uma coisa interessante. Vamos! Boceje de novo! É uma ordem.

— Eu fico intimidado... não consigo... — balbuciou o príncipezinho, corando.

— Rã-ram... — respondeu o rei. — Nesse caso, eu... lhe ordeno que às vezes boceje e às vezes...

Estava gaguejando um pouco e parecia ofendido.

É que o rei fazia questão absoluta de que sua autoridade fosse respeitada. Não admitia desobediências. Era um monarca absoluto. Mas, como era muito bom, dava ordens sensatas.

“Se eu ordenasse”, costumava dizer, “se eu ordenasse a um general que se transformasse em ave marinha e se o general não obedecesse, a culpa não seria do general. A culpa seria minha.”

— Posso me sentar? — perguntou o príncipezinho, tímido.

— Eu lhe ordeno que se sente — respondeu o rei, que em seguida puxou majestosamente um dos lados do seu manto de arminho.

Mas o príncipezinho não estava entendendo. O planeta era minúsculo. Sobre o que então reinava o rei?

— Majestade... — disse ele —... perdoe-me por fazer perguntas...

— Eu lhe ordeno que faça perguntas — disse depressa o rei.

— Majestade... sobre o que o senhor reina?

— Sobre tudo — respondeu o rei, com imensa modéstia.

— Sobre tudo?

Com um gesto discreto, o rei indicou seu planeta, os outros planetas e as estrelas.

— Sobre tudo isso? — falou o príncipezinho.

— Sobre tudo isso... — respondeu o rei.

Porque ele não só era monarca absoluto, era também monarca universal.

— E as estrelas o obedecem?

— Claro — disse o rei. — Obedecem na mesma hora. Não admito indisciplina.

Aquele poder tão grande deixou o príncipezinho embasbacado. Se fosse ele o poderoso, teria podido assistir não a quarenta e quatro, mas a setenta e dois, ou mesmo a cem, ou mesmo a duzentos pores do sol no mesmo dia, sem nunca precisar arrastar a cadeira! E como estava se sentindo um pouco triste ao pensar no seu pequeno planeta abandonado, atreveu-se a pedir uma graça ao rei:

— Eu gostaria de assistir a um pôr do sol... Vossa majestade me faria esse gosto? Ordene ao sol que se ponha...

— Se eu ordenasse a um general que voasse de uma flor pra outra como fazem as borboletas, ou que escrevesse uma tragédia, ou que se transformasse em ave marinha, e se o general não obedecesse à ordem recebida, qual de nós dois estaria errado?

— Seria o senhor — disse o príncipezinho sem hesitar.

— Isso mesmo. É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar — prosseguiu o rei. — A autoridade se baseia antes de mais nada no bom senso. Se você ordenar ao seu povo que se atire no mar, o seu povo fará a revolução. Tenho o direito de exigir obediência porque as minhas ordens são sensatas.

— E o meu pôr do sol? — lembrou o príncipezinho, que nunca desistia de uma pergunta depois de fazê-la.

— Você terá o seu pôr do sol. Vou exigir o seu pôr do sol. Mas, na minha ciência da arte de governar, esperarei pelas condições mais favoráveis.

— E quando será isso? — perguntou o príncipezinho.

— Rã-ram! — respondeu o rei, que primeiro consultou um grosso calendário. — Rã-ram, será, mais ou menos... mais ou menos... será esta noite mais ou menos às sete horas e quarenta minutos! Você vai ver como sou obedecido.

O príncipezinho bocejou. Lamentava seu pôr do sol perdido. Além disso, já estava um pouco entediado:

— Não tenho mais nada a fazer aqui — explicou ao rei. — Vou seguir viagem!

— Não vá — respondeu o rei, que estava tão orgulhoso de ter um súdito. — Não vá, eu o nomeio ministro!

— Ministro do quê?

— Ministro... da Justiça!

— Mas não há ninguém pra julgar!

— Não sabemos — disse o rei. — Ainda não dei a volta completa no meu reino. Sou muito velho, não há espaço pra uma carruagem e fico cansado de caminhar.

— Oh! Mas eu já verifiquei — disse o príncipezinho, inclinando-se para dar mais uma olhada na outra face do planeta. — Daquele lado também não tem ninguém...

— Então você julgará a si mesmo — retorquiu o rei. — É o mais difícil. É bem mais difícil julgar-se a si mesmo do que julgar os outros. Se você é capaz de julgar bem, fica provado que é um verdadeiro sábio.

— Mas eu posso julgar a mim mesmo em qualquer lugar — disse o príncipezinho. — Pra isso não é preciso que eu viva aqui.

— Rã-ram! — disse o rei. — Tenho a impressão de que em algum lugar deste planeta há um velho rato. À noite, eu o escuto. Você poderá julgar esse velho rato. De vez em quando o condenará à morte. Assim, a vida dele dependerá da sua justiça. Mas sempre que o condenar, para poupá-lo, você o perdoará. Só temos um.

— É que eu não gosto de condenar à morte — respondeu o príncipezinho —, e tenho a impressão de que vou mesmo embora.

— Não — disse o rei.

Contudo, concluídos os preparativos, o príncipezinho não queria entristecer o velho monarca:

— Se vossa majestade quisesse ser prontamente obedecida, poderia me dar uma ordem sensata. Por exemplo, poderia ordenar que eu partisse em menos de um minuto. Tenho a impressão de que as condições são favoráveis...

Como o rei não dissera nada, o príncipezinho hesitou um pouco e depois, com um suspiro, partiu.

— Eu o nomeio meu embaixador — o rei se apressou em gritar.

Tinha assumido um ar de solene autoridade.

Os adultos são muito estranhos, disse o príncipezinho para si mesmo durante a viagem.

11

O segundo planeta era habitado por um vaidoso:

— Arrá! Estou recebendo a visita de um admirador! — exclamou de longe o vaidoso assim que avistou o príncipezinho.

Porque, para o vaidoso, todos os outros homens são admiradores.

— Bom dia — disse o príncipezinho. — Que chapéu gozado.

— É pra fazer saudações — respondeu o vaidoso. — Pra fazer saudações quando me aclamam. Infelizmente, nunca passa ninguém por aqui.

— É mesmo? — disse o príncipezinho sem compreender.

— Bata as mãos uma na outra — sugeriu então o vaidoso.

O príncipezinho bateu as mãos uma na outra. O vaidoso ergueu o chapéu, numa saudação modesta.

Isso está mais divertido do que a visita ao rei, disse o príncipezinho para si mesmo. E tornou a bater as mãos uma na outra. O vaidoso fez de novo sua saudação, erguendo o chapéu.

Depois de cinco minutos de exercício, o príncipezinho se cansou da monotonia da brincadeira:

— E o que é preciso fazer pra que o chapéu caia? — perguntou.

Mas o vaidoso não ouviu a pergunta. Os vaidosos só ouvem os elogios.



— É verdade que você sente uma enorme admiração por mim? — perguntou ele ao príncipezinho.

— O que significa “sentir admiração”?

— “Sentir admiração” significa reconhecer que eu sou o homem mais bonito, mais bem vestido, mais rico e mais inteligente do planeta.

— Mas só tem você no seu planeta!

— Me faça esse gosto. Me admire mesmo assim!

— Eu admiro você — disse o príncipezinho erguendo um pouco os ombros —, mas que interesse isso pode ter pra você?

Dizendo isso, o príncipezinho partiu.

Os adultos são decididamente muito estranhos, disse ele para si mesmo durante a viagem.

12

O planeta seguinte era habitado por um homem que bebia. Foi uma visita muito curta, mas que encheu o príncipezinho de melancolia.

— O que você está fazendo? — disse ele ao homem que bebia, que encontrou instalado em silêncio diante de uma coleção de garrafas vazias e de uma coleção de garrafas cheias.

— Estou bebendo — respondeu o homem que bebia, com ar soturno.

— Por que você está bebendo? — quis saber o príncipezinho.

— Pra esquecer — respondeu o homem que bebia.

— Pra esquecer o quê? — indagou o príncipezinho, já penalizado.

— Esquecer que tenho vergonha — confessou o homem que bebia, baixando a cabeça.

— Vergonha do quê? — indagou o príncipezinho, querendo ajudá-lo.

— Vergonha de beber! — concluiu o homem que bebia, que em seguida se trancou definitivamente no silêncio.

E o príncipezinho partiu, perplexo.

Os adultos são decididamente muito, muito estranhos, dizia ele para si mesmo durante a viagem.



13

O quarto planeta era o do homem de negócios. Esse homem era tão ocupado que, quando o príncipezinho chegou, ele nem mesmo ergueu a cabeça.

— Bom dia — falou o príncipezinho. — O seu cigarro está apagado.

— Três mais dois são cinco. Cinco mais sete, doze. Doze mais três, quinze. Bom dia. Quinze mais sete, vinte e dois. Vinte e dois mais seis, vinte e oito. Sem tempo pra acender de novo. Vinte e seis mais cinco, trinta e um. Ufa! De modo que são quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e uma.

— Quinhentos milhões do quê?

— Hã? Você ainda está aí? Quinhentos e um milhões de... não sei mais... tenho tanto trabalho! Sou um sujeito sério, não me distraio com besteiras! Dois mais cinco, sete...

— Quinhentos e um milhões do quê? — insistiu o príncipezinho, que nunca na vida desistira de uma pergunta depois de fazê-la.

O homem de negócios ergueu a cabeça:

— Nos cinquenta e quatro anos em que vivo neste planeta, só fui interrompido três vezes. A primeira foi há vinte e dois anos, por um besouro que caiu sabe-se lá de onde. Ele produzia um barulho pavoroso, e fiz quatro erros numa soma. A segunda foi há onze anos, por uma crise de reumatismo. Eu teria de fazer exercício. Não tenho tempo a perder. Sou um sujeito sério. A terceira vez... é esta! Como eu dizia, quinhentos e um milhões...



— Milhões do quê?

O homem de negócios compreendeu que não havia esperança de paz:

— Milhões dessas coisinhas que às vezes vemos no céu.

— Moscas?

— Não, não, coisinhas que brilham.

— Abelhas?

— Não, não. Coisinhas douradas que fazem sonhar os desocupados.

Mas eu sou um sujeito sério! Não tenho tempo pra ficar sonhando.

— Ah, estrelas?

— Isso mesmo. Estrelas.

— E o que você vai fazer com os quinhentos milhões de estrelas?

— Quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e uma. Eu sou um sujeito sério. Sou exato.

— E o que você vai fazer com essas estrelas?

— O que eu vou fazer?

— É.

— Nada. Elas são minhas.

— As estrelas são suas?

— São.

— Mas já encontrei um rei que...

— Os reis não são donos de nada. Eles “reinam” sobre as coisas. É muito diferente.

— E de que serve ser dono das estrelas?

— Serve pra ser rico.

— E de que serve ser rico?

— Serve pra comprar outras estrelas, se alguém encontrar.

Esse aí, disse o príncipezinho para si mesmo, raciocina um pouco como o meu homem que bebe.

Mesmo assim, continuou fazendo perguntas:

— Como se faz pra ser dono das estrelas?

— Quem é o dono delas? — retrucou, irritado, o homem de negócios.

— Não sei. Ninguém.

— Então são minhas, porque pensei nisso primeiro.

— E pronto?

— Claro. Se você encontra um diamante que não é de ninguém, ele é seu. Se encontra uma ilha que não é de ninguém, ela é sua. Se tem uma ideia primeiro, registra os seus direitos sobre ela e ela é sua. E eu sou o dono das estrelas porque nunca ninguém antes de mim teve a ideia de ser o dono delas.

— Isso é verdade — disse o príncipezinho. — E o que você faz com as estrelas?

— Tomo conta delas. Conto-as e volto a contá-las — disse o homem de negócios. — É difícil. Mas eu sou um sujeito sério!

O príncipezinho ainda não estava satisfeito.

— Eu, quando tenho um cachecol, posso enrolá-lo ao redor do pescoço e sair com ele. Quando tenho uma flor, posso colher a minha flor e sair com ela. Mas você não pode colher as estrelas!

— Não, mas posso aplicá-las no banco.

— Como assim?

— Escrevo num papelzinho o total das minhas estrelas. Depois tranco esse papelzinho à chave numa gaveta.

— E fim?

— E fim!

Divertido, pensou o príncipezinho. *Bastante poético. Mas não muito sério.*

Em se tratando de coisas sérias, o príncipezinho tinha uma opinião bem diferente da opinião dos adultos.

— Pois eu — disse ele ainda — sou dono de uma flor que rego todos os dias. Sou dono de três vulcões que limpo por dentro todas as semanas. Porque limpo por dentro inclusive um vulcão extinto. Nunca se sabe. É útil pros meus vulcões, e é útil pra minha flor, o fato de eu ser o dono deles. Mas você não tem a menor utilidade pras estrelas...

O homem de negócios abriu a boca, mas não achou nada para dizer, e o príncipezinho se foi.

Os adultos são decididamente muito extraordinários, dizia ele para si mesmo durante a viagem.

14

O quinto planeta era muito intrigante. Era o menorzinho de todos. Ali só havia espaço para um lampião de rua e um acendedor de lampiões. O príncipezinho não conseguia entender qual seria a utilidade de existir, num certo lugar do céu, num planeta sem casas e sem habitantes, um lampião de rua e um acendedor de lampiões. No entanto, ele disse para si mesmo:

Esse homem pode até ser absurdo. Mas é menos absurdo do que o rei, do que o vaidoso, do que o homem de negócios e do que o homem que bebe. Pelo menos o trabalho dele faz sentido. Quando ele acende o lampião, é como se fizesse nascer mais uma estrela, ou uma flor. Quando apaga o seu lampião, adormece a flor ou a estrela. É uma ocupação muito bonita. Uma coisa verdadeiramente útil, já que é bonita.

Ao chegar ao planeta, cumprimentou o acendedor com todo o respeito:

— Bom dia. Por que você apagou o seu lampião agora?

— São as instruções.

— Que instruções?

— Essas, de apagar o meu lampião. Boa noite.

E acendeu o lampião.

— Mas por que você acendeu o lampião agora?

— São as instruções — respondeu o acendedor.

— Não estou compreendendo — disse o príncipezinho.

— Não há nada pra compreender — disse o acendedor. — As instruções são as instruções. Bom dia.

E apagou seu lampião.

Depois, enxugou a testa com um lenço vermelho quadriculado.

— É uma profissão terrível. Antigamente era tranquilo. Eu apagava pela manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia pra descansar e o resto da noite pra dormir...

— E de lá para cá as instruções foram alteradas?

— As instruções não foram alteradas — disse o acendedor. — O drama é justamente esse! O planeta gira mais depressa a cada ano que passa e as instruções não foram alteradas!

— E daí? — disse o príncipezinho.

— Daí que agora que ele dá uma volta por minuto, não tenho mais nem um segundo de descanso. Acendo e apago o meu lampião uma vez por minuto!

— Que coisa engraçada! Os dias, no seu planeta, duram um minuto!

— Não é nem um pouco engraçado — disse o acendedor. — Já faz um mês que estamos aqui conversando.

— Um mês?

— É. Trinta minutos. Trinta dias! Boa noite.

E acendeu o lampião.

O príncipezinho olhou para ele e se enterneceu com aquele acendedor tão fiel às instruções. Lembrou-se dos pores do sol que em outros tempos ele próprio buscava, arrastando sua cadeira. Quis ajudar o amigo:

— Sabe... posso lhe ensinar um jeito de descansar sempre que quiser...

— Quero o tempo todo — disse o acendedor.

Porque é possível ser, ao mesmo tempo, devotado e preguiçoso.

O príncipezinho prosseguiu:

— O seu planeta é tão pequeno que você dá a volta nele em três passadas. É só andar bem devagar pra ficar o tempo todo ao sol. Quando quiser descansar, ande... e o dia vai durar o tempo que você quiser.

— Isso não resolve grande coisa — disse o acendedor. — O que eu mais amo na vida é dormir.



— Não facilita — disse o príncipezinho.

— Não facilita — disse o acendedor. — Bom dia.

E apagou o lampião.

Esse aí, disse o príncipezinho para si mesmo enquanto prosseguia a viagem para ainda mais longe, *esse aí seria desprezado por todos os outros; pelo rei, pelo vaidoso, pelo homem que bebe, pelo homem de negócios. No entanto, é o único que não me parece ridículo. Vai ver que é porque ele se preocupa com outra coisa além de si mesmo.*

O príncipezinho soltou um suspiro de pesar e continuou refletindo: *Esse aí é o único de quem eu poderia ter ficado amigo. Mas o planeta dele é realmente pequeno demais. Não há lugar pra dois...*

O que o príncipezinho não ousava admitir era que teria gostado de viver naquele bendito planeta, sobretudo por causa dos seus mil quatrocentos e quarenta pores do sol a cada vinte e quatro horas!

15

O sexto planeta era dez vezes mais espaçoso. Era habitado por um velho senhor que escrevia livros enormes.

— Que surpresa! Um explorador! — exclamou ele ao ver o principezinho.

O principezinho sentou-se sobre a escrivaninha e respirou um pouco. Já tinha viajado tanto!

— De onde você saiu? — quis saber o velho senhor.

— Que livrão é esse? — perguntou o principezinho. — O que o senhor faz aqui?

— Sou geógrafo — disse o velho senhor.

— O que é um geógrafo?

— É um sábio que conhece onde estão os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.

— Que coisa mais interessante! — disse o principezinho. — Até que enfim encontrei uma profissão de verdade.

E deu uma olhada em torno, para o planeta do geógrafo. Nunca vira um planeta tão majestoso.

— Seu planeta é muito bonito. Tem oceanos?

— Não tenho como saber — disse o geógrafo.

— Ah! — (O principezinho ficou desapontado.) — E montanhas?

— Não tenho como saber — disse o geógrafo.

— E cidades e rios e desertos?

— Também não tenho como saber — disse o geógrafo.

— Mas o senhor é geógrafo!

— É verdade — disse o geógrafo. — Mas não sou explorador. Tenho uma carência absoluta de exploradores. Não é o geógrafo que sai pra fazer o levantamento das cidades, dos rios, das montanhas, dos mares, dos oceanos e dos desertos. O geógrafo é importante demais pra andar perambulando. Ele não se afasta do seu escritório, que é onde recebe os exploradores. Faz perguntas aos exploradores e anota as lembranças deles. E se as lembranças de algum deles lhe parecem interessantes, manda fazer uma pesquisa sobre as qualidades morais do explorador.

— Por que isso?

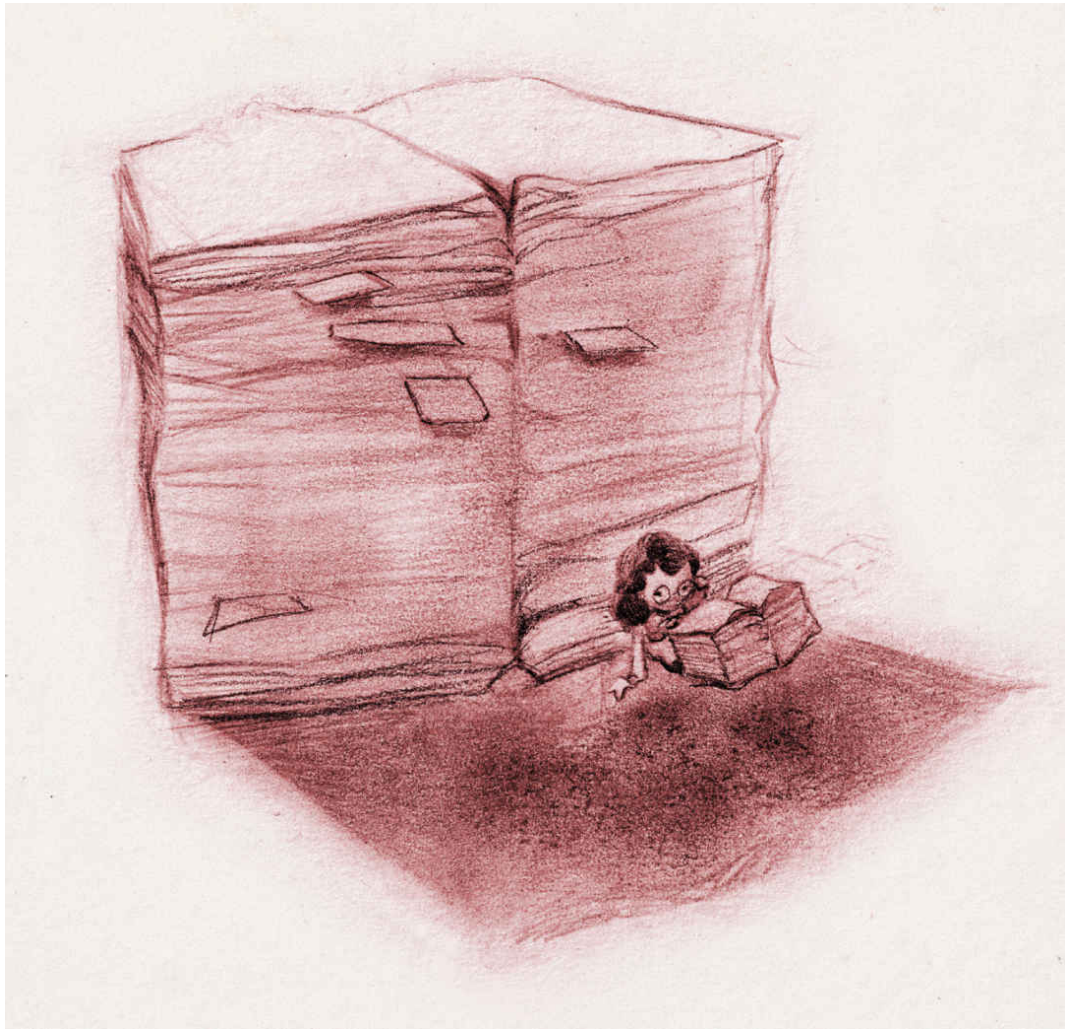
— Porque um explorador mentiroso provocaria catástrofes nos livros de geografia. Um explorador que abusasse da bebida também.

— Por que isso? — indagou o príncipezinho.

— Porque os bêbados veem duplo. Sendo assim, o geógrafo anotaria duas montanhas no lugar onde só há uma.

— Conheço uma pessoa que seria um mau explorador — disse o príncipezinho.

— Acredito. Depois, caso as qualidades morais do explorador pareçam boas, é preciso fazer uma pesquisa sobre a sua descoberta.



— Indo lá ver?

— Não. Isso seria muito complicado. Mas exigindo que o explorador forneça provas. Se for o caso, por exemplo, de ele ter descoberto uma enorme montanha, será preciso que recolha grandes pedras e as apresente.

De súbito, o geógrafo se comoveu.

— E você? Você vem de longe! Você é explorador! Faça uma descrição do seu planeta!

E depois de abrir seu livro de registros, o geógrafo apontou o lápis. Primeiro os relatos dos exploradores são anotados a lápis. Só depois que o explorador fornecer provas é que eles serão anotados a tinta.

— E então? — perguntou o geógrafo.

— Ora... a minha terra não é muito interessante. Muito pequena. Tenho três vulcões. Dois vulcões ativos e um vulcão extinto. Mas nunca se sabe.

— Nunca se sabe — disse o geógrafo.

— Também tenho uma flor.

— Não registramos as flores — disse o geógrafo.

— Mas por quê? É o que há de mais bonito!

— Porque as flores são efêmeras.

— O que significa “efêmero”?

— As geografias são os livros mais importantes que há — disse o geógrafo. — Nunca saem de moda. É muito raro uma montanha trocar de lugar. É muito raro um oceano se esvaziar da sua água. Nós escrevemos coisas eternas.

— Mas os vulcões extintos podem despertar — interrompeu o príncipezinho. — O que significa “efêmero”?

— Vulcões, tanto extintos como despertados, dão no mesmo pra nós — disse o geógrafo. — Pra nós, o que conta é a montanha. Essa não muda.

— Mas o que significa “efêmero”? — repetiu o príncipezinho que, em toda a sua vida, nunca desistira de uma pergunta depois de fazê-la.

— Significa “ameaçado de desaparecimento iminente”.

— A minha flor está ameaçada de desaparecimento iminente?

— Claro.

A minha flor é efêmera, disse o príncipezinho para si mesmo, e só tem quatro espinhos pra se defender do mundo! E eu deixei a minha flor sozinha lá em casa!

Esse foi seu primeiro impulso de arrependimento. Mas logo recuperou a coragem:

— O que o senhor me aconselha a visitar? — perguntou.

— O planeta Terra — respondeu o geógrafo. — Tem boa reputação...

E o príncipezinho partiu, pensando na sua flor.

16

Portanto, o sétimo planeta foi a Terra.

A Terra não é um planeta qualquer! Nela há cento e onze reis (sem esquecer, é claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de homens que bebem, trezentos e onze milhões de vaidosos... Ou seja, por volta de dois bilhões de adultos.

Para que vocês façam uma ideia das dimensões da Terra, imaginem que antes da invenção da eletricidade era preciso manter, no conjunto dos seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil quinhentos e onze acendedores de lampião.

Apreciado de uma certa distância, o efeito disso era magnífico. Os movimentos desse exército eram tão regrados quanto os de um balé de ópera. Primeiro era a vez dos acendedores de lampião da Nova Zelândia e da Austrália. Depois de acender seus lampiões, eles iam dormir. Então chegava a vez dos acendedores de lampião da China e da Sibéria entrarem na dança. Depois também eles desapareciam nos bastidores. Com isso, chegava a vez dos acendedores de lampião da Rússia e das Índias. Depois, dos da África e da Europa. Depois, dos da América do Sul. Depois, dos da América do Norte. E nenhum deles jamais se enganava quanto à ordem de entrada em cena. Era uma coisa grandiosa.

Só o acendedor do único lampião de rua do polo Norte e seu confrade do único lampião de rua do polo Sul levavam vidas ociosas e despreocupadas: trabalhavam duas vezes por ano.

Quando a gente inventa de fazer gracinha, muitas vezes acaba mentindo um pouco. Não fui muito correto quando me referi aos acendedores de lampião. Corro o risco de transmitir uma falsa impressão do nosso planeta às pessoas que não o conhecem. Os homens ocupam uma parte muito pequena da superfície da Terra. Se os dois bilhões de habitantes que povoam a Terra ficassem todos de pé um pouco apertados uns contra os outros, como numa manifestação, poderiam facilmente caber numa praça pública de trinta e dois quilômetros de comprimento por trinta e dois quilômetros de largura. A humanidade inteira poderia ser amontoada na menor ilha do Pacífico.

Os adultos, claro, não vão acreditar. Eles imaginam que ocupam muito espaço. Acreditam que são tão importantes quanto os baobás. De modo que será preciso aconselhá-los a fazer as contas. Eles adoram contas: vão gostar. Mas não percam o tempo de vocês nessa questão. Não é preciso. Confiem em mim.

Portanto, depois de chegar à Terra, o príncipezinho ficou muito surpreso ao não ver ninguém. Já estava ficando com receio de ter se enganado de planeta quando um círculo cor de lua se remexeu na areia.

— Boa noite — disse o príncipezinho sem saber para quem.

— Boa noite — disse a serpente.

— Em que planeta vim cair? — perguntou o príncipezinho.

— Na Terra, na África — respondeu a serpente.

— Ah! Quer dizer que não há ninguém na Terra?

— Aqui é o deserto. Não há ninguém nos desertos. A Terra é grande — disse a serpente.

O principezinho sentou-se sobre uma pedra e ergueu os olhos para o céu:

— Eu me pergunto — disse ele — se as estrelas são iluminadas pra que algum dia cada um possa encontrar a que lhe pertence. Olhe pro meu planeta. Está bem por cima de nós... Mas como está longe!

— É bonito — disse a serpente. — O que você veio fazer aqui?

— Tenho problemas com uma flor — disse o principezinho.

— Ah! — disse a serpente.

E os dois se calaram.

— Onde estão os homens? — indagou por fim o principezinho. — É um pouco solitário, aqui no deserto...

— Também é solitário no meio dos homens — disse a serpente.

O principezinho olhou para ela durante um bom tempo.

— Você é um animal esquisito — disse ele, enfim. — Fininha como um dedo...

— Porém mais poderosa do que o dedo de um rei — disse a serpente.

O principezinho abriu um sorriso:

— Você não é tão poderosa assim... não tem nem patas... não consegue nem viajar...

— Posso levar você até mais longe do que um navio — disse a serpente.

E se enrolou no tornozelo do principezinho como se fosse uma pulseira de ouro:

— Devolvo as pessoas em quem encosto à terra de onde elas saíram — continuou a serpente. — Mas você é puro e vem de uma estrela...

O principezinho não respondeu nada.

— Você me dá pena, tão frágil nesta Terra de granito. Talvez eu possa ajudá-lo um dia, se você sentir muita falta do seu planeta. Posso...

— Oh! Entendi muito bem — disse o principezinho. — Mas por que você sempre fala por enigmas?

— Resolvo todos eles — disse a serpente.

E os dois se calaram.

18

O principezinho cruzou o deserto e só encontrou uma flor. Uma flor de três pétalas, uma florzinha de nada...

— Bom dia — disse o principezinho.

— Bom dia — disse a flor.

— Onde estão os homens? — perguntou o principezinho, educado.

Certo dia, a flor vira passar uma caravana.

— Os homens? Parece que existem seis ou sete deles. Vi de longe, há anos. Mas não é possível saber onde encontrá-los. São levados pelo vento. Não têm raízes, e isso é muito inconveniente pra eles.

— Adeus — falou o principezinho.

— Adeus — disse a flor.

19

O principezinho escalou uma alta montanha. As únicas montanhas que ele já tinha visto na vida eram os três vulcões, da altura do seu joelho. E usava o vulcão extinto como tamborete. *Do alto de uma montanha dessa altura*, disse ele para si mesmo então, *eu poderia ver de uma vez só o planeta inteiro e todos os homens...* Mas não via mais do que picos rochosos muito pontudos.

— Bom dia — disse ele, para ninguém em especial.

— Bom dia... Bom dia... Bom dia... — respondeu o eco.

— Quem são vocês? — quis saber o principezinho.

— Quem são vocês... quem são vocês... quem são vocês... — respondeu o eco.

— Sejam meus amigos, estou sozinho — disse ele.

— Estou sozinho... estou sozinho... estou sozinho... — respondeu o eco.

Que planeta mais esquisito!, pensou ele então. *Todo seco, todo pontudo, todo salgado. E os homens não têm imaginação. Repetem tudo o que se diz... Lá em casa eu tinha uma flor: ela era sempre a primeira a falar...*

20

Mas ocorreu que o principezinho, depois de andar muito tempo pela areia, pelas pedras e pelas neves, acabou descobrindo uma estrada. E todas as estradas vão dar nos homens.

— Bom dia — disse ele.

Era um jardim coberto de rosas.

— Bom dia — disseram as rosas.

O principezinho olhou para elas. Todas se pareciam com sua flor.

— Quem são vocês? — perguntou ele, estupefato.

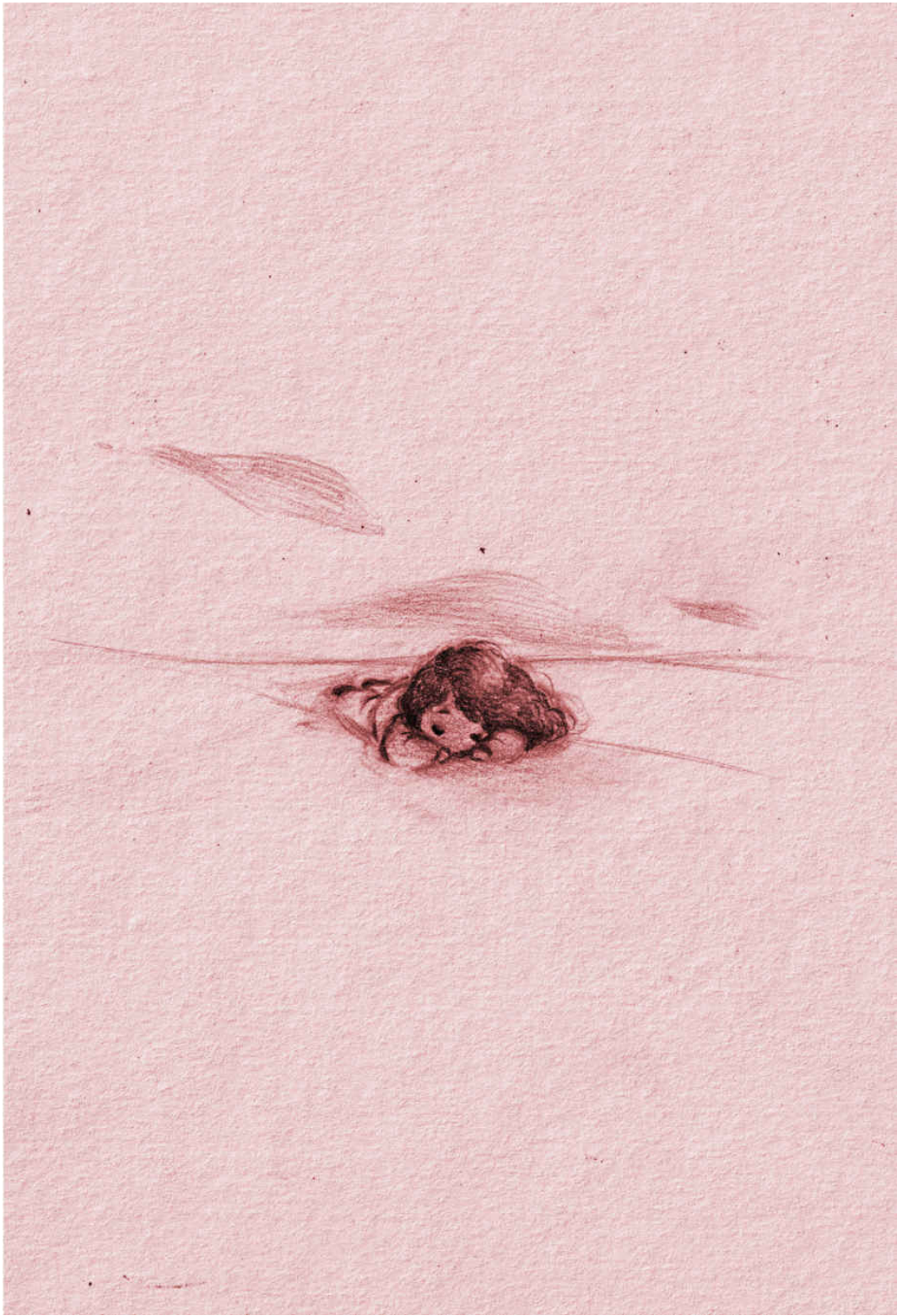
— Nós somos rosas — disseram as rosas.

— Ah! — falou o principezinho...

E começou a se sentir muito infeliz. Sua flor lhe dissera que era a única da sua espécie no universo, e agora encontrava cinco mil como ela, todas semelhantes, num único jardim!

Ela ficaria muito constrangida se visse isso..., disse para si mesmo. Tossiria sem parar e fingiria que estava morrendo pra escapar do ridículo. E eu seria obrigado a fazer de conta que a estava socorrendo, pois, do contrário, pra que eu também ficasse humilhado, ela seria capaz de morrer de verdade...

Depois continuou dizendo para si mesmo: *Eu achava que tinha a sorte de ter uma flor sem igual, e agora descobro que tenho uma rosa comum. Isso, somado aos meus três vulcões, todos da altura do meu joelho, dos quais um talvez esteja definitivamente extinto, não faz de mim um príncipe tão importante assim...* E, deitado na relva, chorou.



21

Foi então que apareceu a raposa:

— Bom dia — disse a raposa.

— Bom dia — respondeu educadamente o príncipezinho, que se virou, mas não viu coisa nenhuma.

— Estou aqui — disse a voz —, debaixo da macieira...

— Quem é você? — indagou o príncipezinho. — Que bonita você é.

— Sou uma raposa — disse a raposa.

— Venha brincar comigo — convidou o príncipezinho. — Estou tão triste...

— Não posso brincar com você — disse a raposa. — Ninguém nunca me encantou.

— Ah! desculpe — disse o príncipezinho.

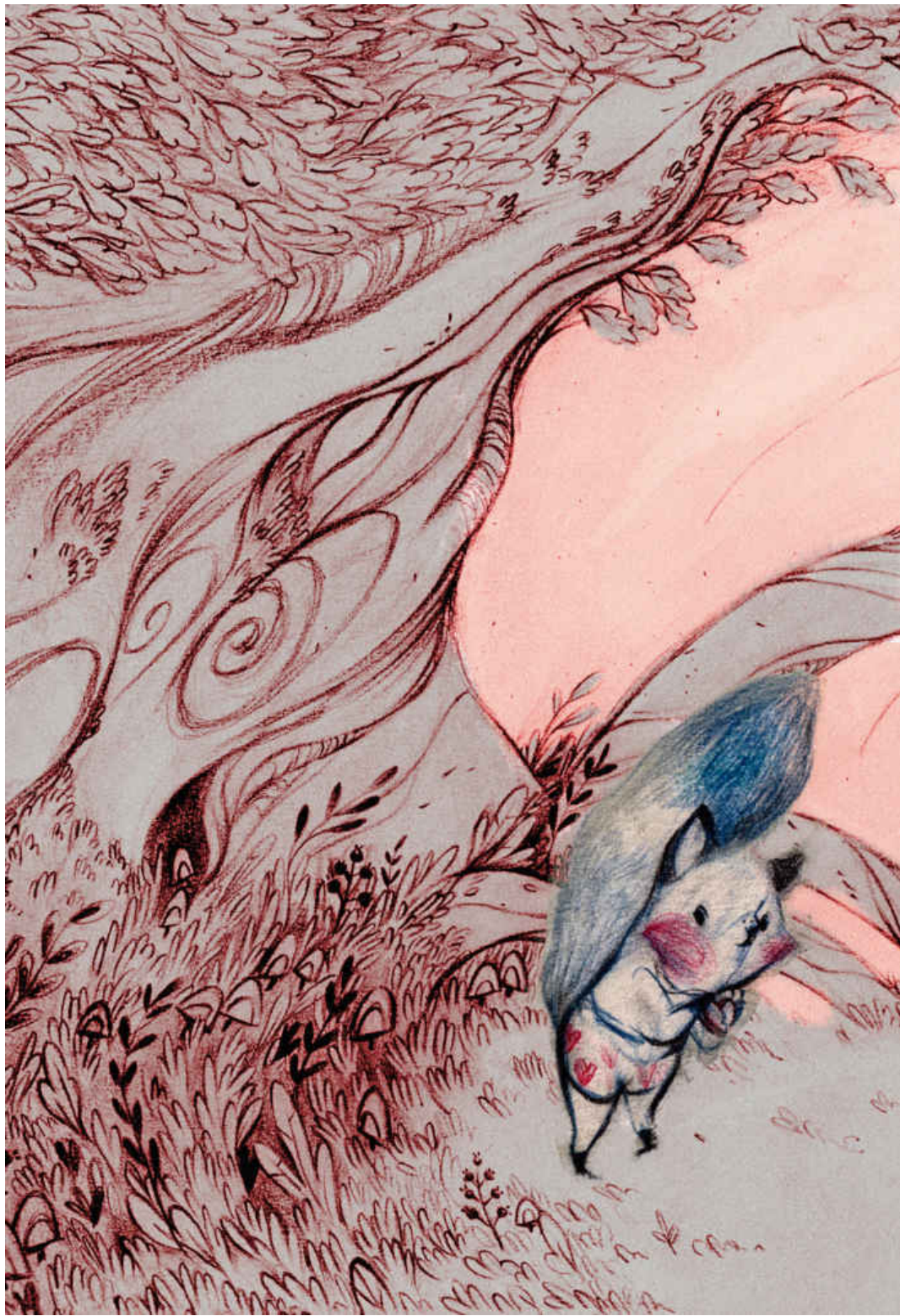
Mas, depois de pensar um pouco, acrescentou:

— O que significa “encantar”?

— Você não é daqui — disse a raposa. — O que está procurando?

— Estou procurando os homens — disse o príncipezinho. — O que significa “encantar”?

— Os homens — disse a raposa — têm fuzis e caçam. Uma coisa bastante desagradável! Além disso, criam galinhas. É só nisso que eles pensam. Você está procurando galinhas?



— Não — disse o príncipezinho. — Estou procurando amigos. O que significa “encantar”?

— É uma coisa que não se usa mais — disse a raposa. — Significa “criar laços”...

— Criar laços?

— Isso mesmo — disse a raposa. — Pra mim, você ainda não passa de um menino semelhante em tudo a cem mil meninos. E não preciso de você. E você também não precisa de mim. Pra você, não passo de uma raposa semelhante a cem mil raposas. Mas, se você me encantar, teremos necessidade um do outro. Pra mim, você será único no mundo. Pra você, serei única no mundo...

— Estou começando a entender — disse o príncipezinho. — Penso numa flor... Acho que ela me encantou...

— É possível — disse a raposa. — Na Terra há todo tipo de coisa...

— Oh! Não é na Terra — disse o príncipezinho.

A raposa pareceu ficar muito intrigada:

— Num outro planeta?

— É.

— Há caçadores nesse outro planeta?

— Não.

— Isso é muito interessante! E galinhas?

— Não.

— Nada é perfeito — suspirou a raposa.

Mas a raposa voltou ao que pensava antes:

— A minha vida é monótona. Eu caço galinhas, os homens me caçam. Todas as galinhas são parecidas e todos os homens são parecidos. O resultado é um certo tédio. Mas, se você me encantar, a minha vida ficará repleta de sol. Conhecerei um ruído de passos que será diferente de todos os outros. Ao ouvir os outros passos, irei pra debaixo da terra. O ruído dos seus me fará sair da toca, será uma música pra mim. E além disso, olhe só! Está vendo os trigais, lá embaixo? Não como pão. Pra mim, o trigo é inútil. Os trigais não me evocam nada. E isso é triste! Mas o seu cabelo é da cor do ouro. Então será maravilhoso, depois que você me encantar! O trigo,

sendo dourado, será uma lembrança sua. E o ruído do vento no trigal tocará o meu coração.



A raposa se calou e passou um longo tempo olhando para o príncipezinho.

— Por favor... me encante! — disse ela.

— Eu gostaria — respondeu o príncipezinho —, mas não estou com muito tempo. Tenho amigos a encontrar e muitas coisas pra conhecer.

— Só conhecemos as coisas que encantamos — disse a raposa. — Os homens já não têm tempo pra conhecer seja o que for. Compram coisas prontas no mercado. Mas, como no mercado não há amigos pra vender, os homens já não têm amigos. Se você quer um amigo, então me encante!

— O que é preciso fazer? — disse o príncipezinho.

— É preciso ser muito paciente — respondeu a raposa. — Primeiro você se senta um pouco afastado de mim, assim, na relva. Eu olho pra você com o canto do olho e você não fala nada. A linguagem é fonte de mal-entendidos. Mas, a cada dia que passa, você poderá se sentar um pouquinho mais perto...

No dia seguinte, o príncipezinho voltou.

— Teria sido melhor voltar na mesma hora — disse a raposa. — Se você chega às quatro da tarde, por exemplo, às três eu já começo a me sentir feliz. Quanto mais o tempo passar, mais me sentirei feliz. Às quatro horas vou começar a me agitar e a me preocupar; descobrirei o preço da felicidade! Mas, se você não tem hora pra chegar, não vou ter como saber a que horas devo preparar o coração... É preciso ter rituais.

— O que é um ritual? — perguntou o príncipezinho.

— É outra coisa que anda muito esquecida — disse a raposa. — É o que faz um dia ser diferente dos outros dias, uma hora diferente das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo, têm um ritual. Na quinta-feira, eles dançam com as moças da aldeia. Com isso, a quinta-feira é um dia maravilhoso! Saio pra passear, vou até o vinhedo. Se os caçadores dançassem em qualquer dia da semana, os dias ficariam todos parecidos e eu não teria férias.



Assim, o príncipezinho encantou a raposa. E quando a hora da partida foi chegando:

— Ah... — disse a raposa. — Vou chorar.

— A culpa é sua — disse o príncipezinho. — Eu não queria lhe fazer mal, mas você quis que eu encantasse você...

— Claro — disse a raposa.

— Mas você vai chorar! — disse o príncipezinho.

— Claro — disse a raposa.

— Então qual é a vantagem?

— Saio lucrando — disse a raposa — por causa da cor do trigo.

Depois acrescentou:

— Visite de novo as rosas. Vai ver que a sua é única no mundo. Depois volte aqui pra se despedir de mim e eu lhe darei um presente. Um segredo.



O príncipezinho foi visitar de novo as rosas:

— Vocês não se parecem nem um pouco com a minha rosa, vocês ainda não são nada — disse a elas. — Ninguém encantou vocês e vocês não encantaram ninguém. Vocês são como a minha raposa antes. Ela era apenas uma raposa semelhante a cem mil outras. Mas agora é minha amiga, e então é única no mundo.

E as rosas ficaram muito constrangidas.

— Vocês são belas, mas vazias — disse-lhes ele ainda. — Não é possível morrer por vocês. Claro, pra um passante qualquer, a minha rosa seria igual a vocês. Mas ela sozinha é mais importante do que todas vocês, porque foi ela que eu reguei. Porque foi ela que eu cobri com uma redoma. Porque foi ela que eu protegi com um biombo. Porque foi as lagartas dela que eu matei (exceto duas ou três, pras borboletas). Porque foi ela que eu ouvi se queixar, ou se gabar, ou mesmo uma vez ou outra se calar. Porque ela é a minha rosa.

Depois o príncipezinho voltou ao lugar onde estava a raposa:

— Adeus — disse...

— Adeus — disse a raposa. — Eis o meu segredo. Ele é muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível pros olhos.

— O essencial é invisível pros olhos — repetiu o príncipezinho, para não esquecer.



— É o tempo que você perdeu com a sua rosa que torna a sua rosa tão importante.

— O tempo que eu perdi com a minha rosa... — disse o príncipezinho, para não esquecer.

— Os homens se esqueceram dessa verdade — disse a raposa. — Mas você não deve esquecê-la. Você se torna responsável pra sempre por aquilo que encanta. Você é responsável pela sua rosa...

— Eu sou responsável pela minha rosa... — repetiu o príncipezinho, para não esquecer.

22

— Bom dia — disse o príncipezinho.

— Bom dia — disse o controlador dos trens.

— O que você está fazendo aí? — perguntou o príncipezinho.

— Eu separo os viajantes por levas de mil — disse o controlador dos trens. — Despacho os trens que os transportam, às vezes pra direita, às vezes pra esquerda.

E um trem expresso iluminado, roncando feito um trovão, sacudiu a cabine de controle dos trens.

— Que apressados eles são — disse o príncipezinho. — O que estão procurando?

— Nem o condutor da locomotiva sabe — disse o controlador dos trens. Na direção oposta, passou roncando um trem expresso iluminado.

— Já estão voltando? — perguntou o príncipezinho.

— São outros — disse o controlador dos trens. — É um leva e traz.

— Eles não estavam felizes, lá onde estavam?

— Nunca estamos felizes nos lugares onde estamos — disse o controlador dos trens.

E roncou o trovão de um terceiro trem expresso iluminado.

— Estão perseguindo os viajantes que passaram antes? — perguntou o príncipezinho.

— Não estão perseguindo coisa nenhuma — disse o controlador dos trens. — Estão dormindo nos seus assentos, ou então bocejando. Só as crianças apoiam o nariz no vidro da janelinha.

— Só as crianças sabem o que estão buscando — disse o príncipezinho.

— Perdem tempo por uma boneca de pano, e a boneca fica sendo muito

importante, e se alguém tira a boneca das crianças, elas choram...

— Que sorte a das crianças — disse o controlador dos trens.

23

— Bom dia — disse o príncipezinho.

— Bom dia — disse o vendedor.

Era um vendedor de pílulas especiais para matar a sede. Se a pessoa toma uma por semana, deixa de sentir necessidade de beber água.

— Por que você está vendendo isso? — quis saber o príncipezinho.

— É uma imensa economia de tempo — disse o vendedor. — Os especialistas fizeram o cálculo. A pessoa economiza cinquenta e três minutos por semana.

— E o que a pessoa vai fazer com esses cinquenta e três minutos?

— Faz o que bem entender...

Pois eu, disse o príncipezinho para si mesmo, se tivesse cinquenta e três minutos sobrando, andaria bem devagar na direção de uma fonte...



24

Estávamos no oitavo dia desde minha pane no deserto e eu ouvira a história do vendedor enquanto bebia a última gota da minha provisão de água.

— Ah! — falei para o príncipezinho. — As suas recordações são muito bonitas, mas ainda preciso consertar o meu avião. A minha água acabou e eu também ficaria muito feliz se pudesse andar bem devagar na direção de uma fonte!

— A minha amiga raposa... — começou ele.

— Meu caro rapazinho, agora não é mais questão de raposa!

— Por quê?

— Porque nós vamos morrer de sede...

Ele não entendeu meu raciocínio e respondeu:

— É bom ter um amigo, mesmo que a gente vá morrer. Eu, pelo menos, estou bem feliz por ter tido uma amiga raposa...

Ele não tem noção do perigo, pensei comigo mesmo. Nunca sente fome nem sede. Só precisa de um pouco de sol e nada mais...

Mas ele olhou para mim e respondeu ao meu pensamento:

— Eu também estou com sede... vamos procurar um poço...

Fiz um gesto de desalento: é absurdo procurar um poço aleatoriamente na imensidão do deserto. Mesmo assim, saímos andando.

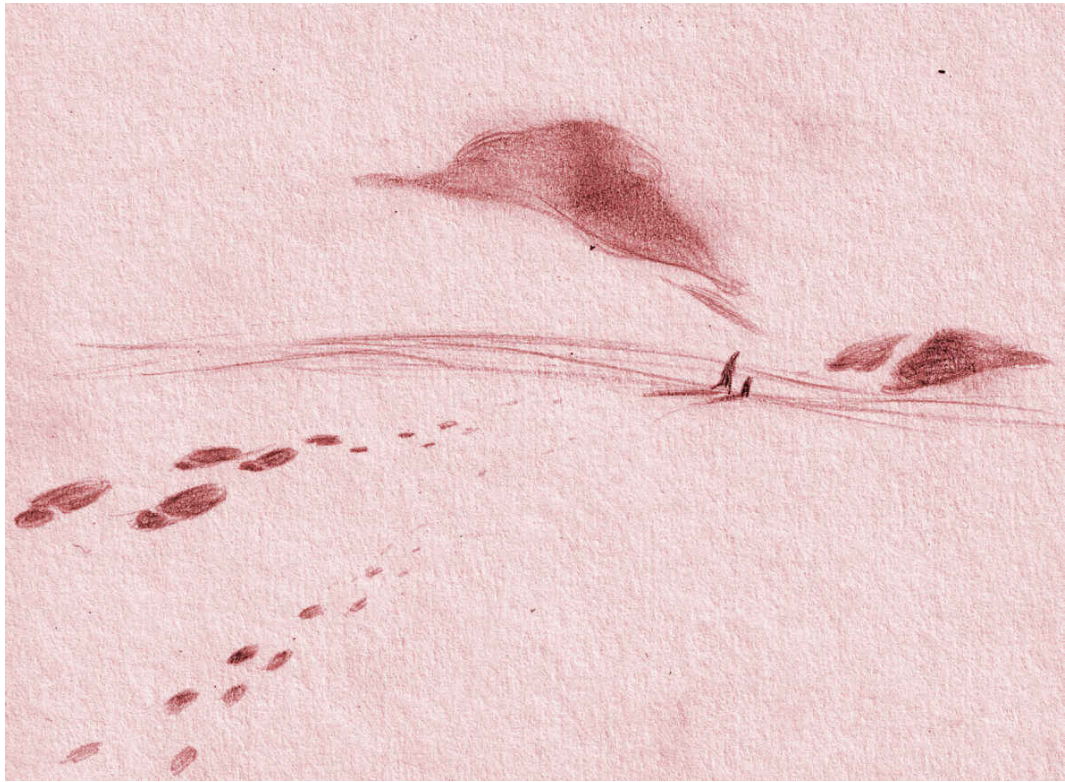
Depois de caminharmos horas a fio em silêncio, a noite caiu e as estrelas começaram a se acender. Eu as via como em sonho, um pouco febril por causa da sede que sentia. As palavras do príncipezinho dançavam na minha memória:

— Quer dizer que você também está com sede? — perguntei.

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse apenas:

— A água também pode fazer bem ao coração...

Não entendi aquela resposta, mas não falei nada... Sabia muito bem que não devia interrogá-lo.



Ele estava cansado. Sentou-se. Sentei-me ao lado dele. E, depois de um silêncio, ele prosseguiu:

— As estrelas são belas por causa de uma flor que não podemos ver...

Respondi “sem dúvida” e olhei, sem falar, para as dobras da areia sob a lua.

— O deserto é belo — acrescentou.

E é verdade. Sempre amei o deserto. Você se senta no alto de uma duna de areia. Não vê nada. Não ouve nada. E no entanto alguma coisa cintila em silêncio...

— O que torna o deserto belo — disse o príncipezinho — é o fato de que em algum lugar ele oculta um poço...

Fiquei surpreso ao compreender de repente a misteriosa cintilação da areia. Quando eu era pequeno, vivia numa casa antiga e segundo a lenda havia um tesouro enterrado no local. Claro que nunca ninguém conseguiu encontrar o tesouro, nem talvez tenha chegado a procurá-lo. Mas por causa dele a casa inteira se enchia de magia. A minha casa escondia um segredo no fundo do seu coração...

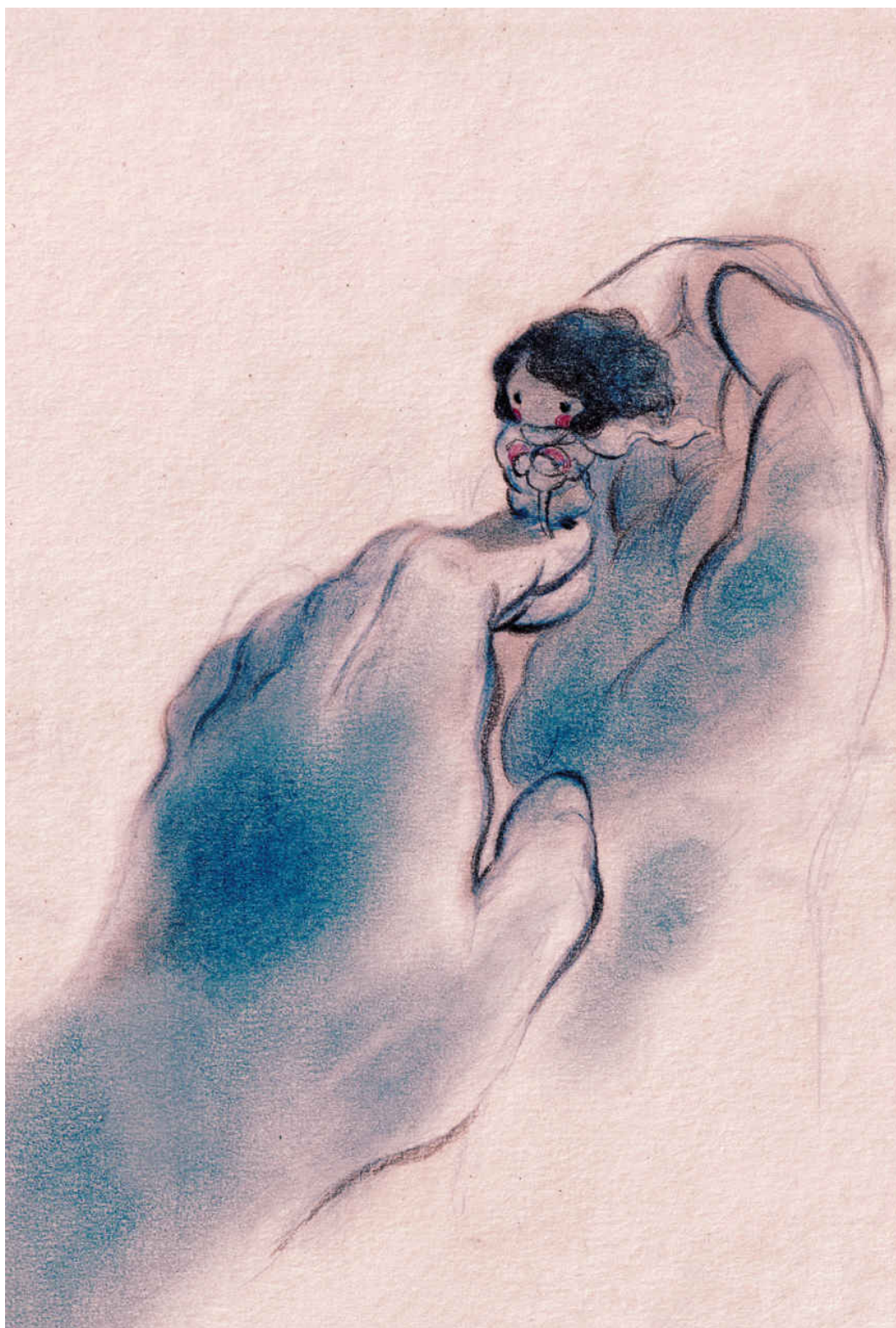
— É — disse eu ao príncipezinho. — Casa, estrelas, deserto, tanto faz: a sua beleza é invisível.

— Fico feliz por você concordar com a minha raposa — disse ele.

Como o príncipezinho estava quase dormindo, segurei-o no colo e retomei a marcha. Estava comovido. Tinha a sensação de carregar um tesouro frágil. Tinha inclusive a sensação de que não havia nada mais frágil sobre a face da Terra. À luz da lua, olhava para aquele semblante pálido, aqueles olhos fechados, aquelas mechas de cabelo que freavam ao vento, e dizia para mim mesmo: *Isso que estou vendo não passa de uma casca. O mais importante é invisível...*

Ao ver o esboço de um meio sorriso nos seus lábios entreabertos, também falei para mim mesmo: *O que tanto me comove nesse príncipezinho adormecido é a sua fidelidade a uma flor, é a imagem de uma rosa que fulgura nele como a chama de um lampião, mesmo quando ele dorme...* E pressenti-o ainda mais frágil. É preciso proteger bem os lampiões: uma lufada de vento basta para apagá-los...

E, andando assim, encontrei o poço ao nascer do sol.



25

— Os homens — disse o príncipezinho — entram na correnteza, mas já não sabem o que procuram. Por isso se agitam e dão voltas no mesmo lugar.

E acrescentou:

— Não vale a pena...

O poço que tínhamos encontrado não era como os poços habituais do Saara. Os poços do Saara são meros buracos cavados na areia. Aquele mais parecia um poço de aldeia. Mas não havia nenhuma aldeia por ali, e eu tinha a impressão de estar sonhando.

— É estranho... — falei para o príncipezinho. — Está tudo preparado: a roldana, o balde e a corda...

Ele riu, pôs a mão na corda, girou a roldana.

E a roldana gemeu como geme um velho catavento quando se passa muito tempo sem que o vento sopra.

— Está ouvindo? — disse o príncipezinho. — Acordamos este poço e ele canta...

Eu não queria que ele se cansasse:

— Deixe que eu faço isso — falei. — É pesado demais pra você.

Lentamente, icei o balde até a borda. Depositei-o ali, bem equilibrado. O canto da roldana ainda soava nos meus ouvidos e, na água que ainda tremulava, eu via tremular o sol.

— Estou com sede dessa água — disse o príncipezinho —, me dê um pouco...

E compreendi o que ele tinha procurado!

Ergui o balde até seus lábios. Ele bebeu de olhos fechados. Era aconchegante como uma festa. Aquela água não tinha nada a ver com um

alimento. Ela nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço dos meus braços. Fazia bem ao coração, era uma espécie de dádiva. Quando eu era menino, a luz da árvore de Natal, a música da Missa do Galo e a calidez dos sorrisos compunham, como agora, toda a cintilação do presente de Natal que eu recebia.

— Os homens do seu planeta cultivam cinco mil rosas no mesmo jardim — disse o príncipezinho —... e não encontram nele o que procuram...

— Não encontram... — respondi.

— E no entanto o que procuram poderia ser encontrado numa única rosa ou num pouco d'água...

— Sem dúvida — respondi.

E o príncipezinho acrescentou:

— Mas os olhos são cegos. É preciso procurar com o coração.

Eu tinha matado a sede. Respirava com facilidade. A areia, quando o dia nasce, é cor de mel. Eu também estava feliz por causa daquela cor de mel. Que razão havia para estar aflito?

— Você precisa cumprir a sua promessa — disse-me docemente o príncipezinho, que se sentara de novo ao meu lado.

— Que promessa?

— Lembra? Uma focinheira pra minha ovelha... Eu sou responsável por aquela flor!

Tirei do bolso meus ensaios de desenho. O príncipezinho viu e me disse, rindo:

— Os seus baobás são meio parecidos com repolhos...

— Oh!

E eu que estava tão orgulhoso dos baobás!

— A sua raposa... as orelhas... são meio parecidas com chifres... e são compridas demais!

E riu de novo.

— Que injustiça, rapazinho, eu só sabia desenhar jiboias fechadas e jiboias abertas.

— Ah! Vai dar certo — disse ele —, as crianças sabem.

De modo que rabisquei uma focinheira. E senti o coração apertado ao entregá-la a ele:

— Você tem planos que não me contou...

Mas ele não respondeu. Disse:

— Sabe, a minha queda sobre a Terra... amanhã completa um ano...

Depois de um silêncio, continuou:

— Caí pertinho daqui...

E corou.

E uma vez mais, sem compreender a razão, senti uma estranha tristeza. No entanto, uma dúvida me assaltou e perguntei a ele:

— Então não foi por acaso que na manhã em que nos conhecemos, oito dias atrás, você perambulava sozinho a mil e seiscentos quilômetros de distância de todas as regiões habitadas! Você estava voltando pro local da sua queda?

O príncipezinho corou de novo.

E eu acrescentei, inseguro:

— Será que foi por causa do aniversário?

O príncipezinho corou ainda uma vez. Ele nunca respondia às perguntas, mas sempre que coramos o significado é “sim”, não é mesmo?

— Ah! — falei para ele. — Estou com medo...

Mas ele respondeu:

— Agora você precisa trabalhar. Precisa voltar pra sua máquina. Espero você aqui. Volte amanhã à noite...

Mas eu continuava cheio de preocupação. Fiquei me lembrando da raposa. Corremos o risco de chorar um pouco quando nos deixamos encantar...

26

Ao lado do poço havia uma antiga parede de pedra em ruínas. Quando voltei do meu trabalho, no dia seguinte à noite, vi de longe meu principezinho sentado em cima dela, de pernas penduradas. E ouvi-o falar:

— Então você não se lembra? Este não é bem o lugar!

Outra voz deve ter respondido, porque ele retrucou:

— É, sim! O dia está certo, mas o lugar não é este...

Continuei a andar na direção da parede. Continuava sem ver nem ouvir ninguém. Mas o principezinho retrucou de novo:

—... Claro. Você vai perceber o lugar onde começam as minhas pegadas na areia. É só me esperar lá. Esta noite estarei lá.

Eu estava a vinte metros da parede e continuava não vendo nada.

O principezinho disse ainda, depois de um silêncio:

— O seu veneno é bom? Você tem certeza de que não vai me fazer sofrer por muito tempo?

Parei, de coração apertado, mas ainda sem entender.

— Agora vá embora — disse ele —, quero descer!

Então eu mesmo baixei os olhos para a base da parede e dei um salto! Ela estava ali, de bote armado na direção do principezinho, uma dessas serpentes amarelas que tiram a vida em trinta segundos. Enfiei a mão no bolso para sacar o revólver e me preparei para correr, mas com o barulho que fiz a serpente encolheu o corpo suavemente e se fundiu à areia, como um esguicho de água que se extingue, e, sem muita pressa, deslizou entre as pedras com um ruído metálico quase imperceptível.



Eu me aproximei da parede bem a tempo de receber nos braços meu principezinho, pálido como a neve.

— Que história é essa? Agora você conversa com as serpentes?

Em seguida, desatei seu eterno cachecol amarelo. Molhei suas têmporas e o fiz beber água. E agora não tinha coragem de lhe perguntar mais nada. Ele me olhou muito sério e abraçou meu pescoço. Dava para sentir seu coração batendo como o de uma ave que morre, depois de ser atingida por tiros de carabina. Ele me disse:

— Que bom que você encontrou o que precisava pra sua máquina. Agora vai poder voltar pra casa.

— Como é que você sabe?

Eu vinha justamente lhe contar que, contra todas as expectativas, conseguira terminar meu trabalho com sucesso!

Ele não respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

— Eu também, hoje vou voltar pra casa...

Depois, melancólico:

— É bem mais longe... bem mais difícil...

Eu percebia claramente que uma coisa extraordinária estava acontecendo. Apertei-o nos braços como se ele fosse uma criancinha, porém com a sensação de que ele escorria verticalmente entre meus braços para cair num abismo sem que eu tivesse o poder de segurá-lo...

Seu olhar estava sério, perdido bem longe.

— Tenho a sua ovelha. Tenho a caixa pra ovelha. E tenho a focinheira...
E sorriu com melancolia.

Esperei por muito tempo. Sentia que pouco a pouco ele voltava a se aquecer:

— Meu rapazinho, você sentiu medo...

Claro que sentira medo! Mas riu com doçura:

— Esta noite vou sentir muito mais medo...

Mais uma vez, o sentimento do irreparável congelou meu corpo. E compreendi que não tolerava a ideia de nunca mais ouvir aquela risada. Para mim, ele era como uma fonte no deserto.

— Rapazinho, quero continuar ouvindo o seu riso...

Mas ele disse:

— Esta noite se completa um ano. A minha estrela estará bem em cima do local onde caí no ano passado...

— Rapazinho, me diga que essa história de serpente, encontro marcado e estrela não passa de um pesadelo...

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse-me:

— O que é importante não se vê.

— Claro...

— É como a flor. Quando se ama uma flor que está numa estrela, é doce, à noite, olhar pro céu. Todas as estrelas têm flores.

— Claro...

— É como a água. Aquela água que você me ofereceu parecia uma música, por causa da roldana e da corda... Lembra? Que boa era aquela água.

— Claro...

— À noite, você olhará pras estrelas. O planeta onde eu moro é tão pequeno que não dá pra eu lhe mostrar qual é. Melhor assim. Pra você, a minha estrelaficará sendo uma das estrelas. Por isso você vai gostar de olhar pra todas as estrelas... Todas elas serão suas amigas. E além disso, tenho um presente pra lhe dar...

E riu outra vez.

— Ah! Rapazinho, rapazinho, como eu gosto de ouvir a sua risada!

— Então! O meu presente é justamente esse... como no caso da água...

— Como assim?

— As pessoas têm estrelas com sentidos diferentes. Pros que viajam, as estrelas são guias. Pra outros, elas não passam de luzinhas. Pra outros, os sábios, elas são problemas. Pro meu homem de negócios, elas eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Você, ao contrário, terá estrelas diferentes das de todas as outras pessoas...

— Como assim?

— Quando você olhar pro céu, à noite, já que eu viverei numa delas, já que estarei rindo numa delas, então pra você será como se todas as estrelas rissem. Você terá estrelas que sabem rir!

E riu outra vez.

— E quando você se conformar (sempre nos conformamos), ficará feliz por ter me conhecido. Você sempre será meu amigo. Sentirá vontade de rir comigo. E às vezes abrirá a sua janela sem razão nenhuma, só por abrir... E os seus amigos ficarão surpresos ao ver que você está rindo ao olhar pro céu. Então você dirá a eles: “Isso mesmo, as estrelas sempre me fazem rir!”. E eles vão achar que você é maluco. Olhe só a peça que eu terei pregado em você!

E riu outra vez.

— Vai ser como se eu tivesse lhe dado, em vez de estrelas, um montão de pequenos guizos que sabem rir...

E riu outra vez. Depois tornou a ficar sério:

— Esta noite... você sabe... não venha até aqui.

— Vou ficar ao seu lado.

— Você vai achar que estou sentindo dor... Vai parecer que estou morrendo. É isso. Não venha ver isso, não vale a pena...

— Vou ficar ao seu lado.

Mas ele estava ansioso.

— Estou lhe dizendo isso... também por causa da serpente. Pra evitar que ela o pique... As serpentes são más, podem picar só por picar...

— Vou ficar ao seu lado...

Mas alguma coisa o tranquilizou:

— É verdade que elas só têm veneno pra primeira picada...

Naquela noite, não o vi partir. Fugiu sem fazer barulho. Quando consegui alcançá-lo, avançava decidido, a passos rápidos. Disse-me apenas:

— Ah, você está aí...

E pegou minha mão. Mas continuava aflito.

— Você fez mal em vir. Vai sofrer. Vou dar a impressão de estar morto e não será verdade...

Eu não dizia nada.

— Você entende. É muito longe. Não posso carregar este corpo. É muito pesado.

Eu não dizia nada.

— Mas será como uma velha casca abandonada. As velhas cascas não têm nada de triste...

Eu não dizia nada.

Ele desanimou um pouco. Mas fez um último esforço:

— Será bonito, sabe? Eu também estarei olhando pras estrelas. Todas as estrelas serão poços com uma roldana enferrujada. Todas as estrelas me oferecerão água...

Eu não dizia nada.

— Será tão divertido! Você terá quinhentos milhões de guizos, eu terei quinhentos milhões de fontes...

E também ele se calou, porque estava chorando.

— É ali. Permita que eu me afaste um pouco sozinho.



E sentou-se, porque estava com medo. Disse ainda:

— Sabe... a minha flor... eu sou responsável por ela! E ela é tão frágil! E ela é tão bobinha... Tem quatro espinhos de nada pra se proteger do mundo...

Sentei-me também porque não conseguia mais me segurar em pé. Ele disse:

— Então... É isso...

Ainda hesitou um pouco, depois se levantou. Deu um passinho. Eu não conseguia me mexer.

Vi apenas um clarão amarelo perto do seu tornozelo. Ele ficou um instante imóvel. Não gritou. Caiu devagar, como cai uma árvore. Nem barulho fez, por causa da areia.

E agora, claro, seis anos já se foram... É a primeira vez que conto esta história. Os amigos que me reviram ficaram muito contentes por me encontrar com vida. Eu estava triste, mas dizia a eles: “É o cansaço”.

E agora estou mais ou menos consolado. Quer dizer... não por completo. Mas sei muito bem que ele voltou para o planeta dele porque quando raiou o dia não encontrei seu corpo. Não era um corpo tão pesado assim... E à noite gosto de escutar as estrelas. Elas parecem quinhentos milhões de guizos...

Mas uma coisa extraordinária está se passando. A focinheira que desenhei para o principezinho... esqueci de equipá-la com a correia de couro! Ele nunca deve ter conseguido prendê-la à ovelha. Então eu me pergunto: *O que terá acontecido no planeta do principezinho? Será que a ovelha comeu a flor?*

Às vezes, digo a mim mesmo: *Claro que não comeu! Todas as noites o principezinho cobre a flor com a redoma de vidro e toma conta da ovelha...* Então fico feliz. E todas as estrelas riem docemente.

Outras vezes, digo a mim mesmo: *De vez em quando nos distraímos, e basta uma vez! Certa noite ele se esqueceu da redoma, ou então a ovelha saiu durante a noite sem fazer barulho...* Nessas ocasiões, todos os guizos se transformam em lágrimas!

Esse é um mistério dos grandes. Para vocês, que também gostam do principezinho, assim como para mim, nada no universo permanece igual se em algum lugar, não se sabe onde, uma ovelha que não conhecemos comeu ou deixou de comer uma rosa...

Olhem para o céu. Perguntem a vocês mesmos: “A ovelha comeu ou não comeu a flor?”. E verão como tudo muda...

E nunca nenhum adulto compreenderá a importância que isso tem!

Essa é, para mim, a paisagem mais bela e mais triste do mundo. É a mesma paisagem do capítulo anterior, mas eu a desenhei de novo para que vocês possam vê-la bem. Foi aqui que o príncipezinho apareceu na Terra, depois desapareceu.

Olhem com atenção para essa paisagem para ter certeza de reconhecê-la se algum dia viajarem pela África, pelo deserto. E se por acaso passarem por esse lugar, eu lhes suplico, não tenham pressa, esperem um pouco bem embaixo da estrela! E se nesse momento aparecer uma criança, se ela ri, se tem cabelos dourados, se não responde às perguntas que lhe fazem, vão adivinhar de quem se trata. E sejam gentis! Não me deixem assim tão triste: escrevam-me depressa dizendo que ele voltou...



Canto e encanto

por
Toquinho

Eu tinha dezoito anos e estava iniciando minha carreira quando conheci Elis Regina. Andávamos nos encantando, mas não nos tornamos tão responsáveis um pelo outro assim. Deu apenas numa linda amizade. Um dia, ela me deu de presente o disco que havia gravado com Jair Rodrigues, intitulado *2 na bossa*, registro de um show que eles costumavam fazer no então Teatro Paramount, em São Paulo. Na capa, uma dedicatória: “Toninho: Nunca esqueça que ‘você é responsável’... Um abraço. Elis Regina. Junho de 1965”. Junto, uma recomendação: “Leia *O pequeno príncipe*, e então vai entender essa dedicatória”. Foi então que cheguei a este livro.

Apesar de passadas oito décadas de sua primeira edição, *O pequeno príncipe* continua contemporâneo. Isso porque mexe com a essência do ser humano, ou seja, a busca do viver com alegria, sem rancores nem ansiedades. O anseio por encontrar nas coisas simples a harmonia com o mundo, e fazer dessa harmonia um presente leve e prazeroso de suportar. Façanha complicada, essa, que impõe disciplina e bom senso na escolha dos caminhos, que devem ser seguidos com esmero e perspicácia. E é por isso que o pequeno príncipe nos encanta: porque ele chega falando e mostrando coisas de um jeito que ficou lá atrás, nos primeiros anos da vida, quando tudo era pequeno e simples de realizar. Tão simples que se perdeu na austera rotina de adultos.

Esse príncipezinho é danado. Sua linguagem poética recheada de metáforas é, ao mesmo tempo, ingênua e intrigante. Faz um contraponto

entre a simplicidade e a exuberância. Resgata de cada mistério uma lucidez ingênua e comovente. Lida com personagens que expõem suas fraquezas, desejos, virtudes, poderes, vaidades. Disfarçado de criança, usa rosas e estrelas como símbolos de uma existência plena. Ensina a grandeza de caráter, a parcimônia nos desejos, a excelência da ética e da moral, a brandura dos poderes, o domínio da vaidade. Tudo nele é objetivo e surpreendente.

Esse príncipezinho é danado. Chega vasculhando minha vida como quem escava a terra para remexer sementes da memória. Falando a língua dos poetas, puxa-me pelo coração e leva-me até a rua de minha infância, ainda uma rua de terra. Lá não tem raposa, mas passam por ela vacas leiteiras indo lentamente para uma cocheira onde são alojadas. Em frente à casa em que eu moro, tem um baita terreno cheio de pitangueiras, caquizeiros e goiabeiras. A gurizada adora trepar nelas e apanhar goiabas, caquis e pitangas. Apesar do tamanho, o príncipezinho consegue também subir nas árvores e colher os frutos. Então eu o apresento aos meus amiguinhos, o Russo, o Faísca, o Índio, o Caiçara, o Lampião.

Passa por aquela rua o vendedor de pinhão – a molecada o chama de pinhãozeiro. Empurra um carrinho de pedreiro cheio de pinhões quentinhos, envoltos em várias camadas de um tecido grosso de juta. Cercado pelos garotos, ele para o carrinho no meio da rua e deixa a gente escolher os pinhões à vontade. O príncipezinho se diverte subindo no carrinho para pegar os pinhões.

Levo-o para conhecer minha casa. Tem um canteiro de rosas no quintal, e ele se emociona diante delas ao lembrar da rosa dele. Fala-me para não temer os espinhos, eles são apenas o modo de defesa delas. E aproveita para filosofar. Diz que o essencial é invisível pros olhos e só se vê bem com o coração. Então, me pego comparando-me a ele. Também consigo enxergar com o coração desde o dia em que toquei nas cordas de um violão. Faço florescer dessas cordas acordes importantes para mim como a rosa é para ele. Por isso, quando penso em pegar no violão às oito da noite, ao pôr do sol eu já começo a me sentir feliz. Assim como faz o príncipezinho, com o violão eu desenho coisas que fazem as pessoas sonharem. Eu desenho um

sol amarelo e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo. Se um pinguinho de tinta cair num pedacinho azul do papel num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu. Viajo com ela, Havaí, Pequim, Istambul. Desenho navios, aviões, astronaves, vou até o futuro. Levo as pessoas comigo, eu as encanto com minha música e me sinto responsável por elas. Assim como o príncipezinho me encantou com a leitura de suas artimanhas. Fez brotar de novo o menino que mora em mim. Ele é capaz disso: fazer com que as pessoas se sintam como ele, enxergando o essencial com o coração.

TOQUINHO é cantor, compositor e violonista com mais de cinquenta anos de carreira.

Uma história em vertigem

por

Rosana Kohl Bines

*A leitura é, antes de mais nada,
uma desforra da infância.*

Vincent Jouve

A mais de mil e quinhentos quilômetros de distância de qualquer lugar habitado, encontram-se pela primeira vez o pequeno príncipe e o narrador-aviador. É ali, no descampado do deserto, que uma história vai se abrindo devagarinho, dia após dia, ao sabor das conversas dos dois personagens, vindos de planetas diferentes. Estrangeiros entre si? Um adulto e uma criança, avulsos no mundo, se veem repentinamente juntos e em estado de emergência. Estão perdidos no Saara, a água potável durará no máximo oito dias, e nenhum deles sabe ao certo se conseguirá retornar para casa. Nesse cenário inseguro, de escassez e desabrigo, transcorre a história do livro infantojuvenil mais traduzido do mundo. Eu disse infantojuvenil? Deixemos por ora essa questão em aberto, que vem embaralhando leitores desde o lançamento deste livro. Voltaremos a ela em momento propício, após sondarmos outras dimensões inquietantes desta história já tão lida e revirada, de que nos aproximaremos para revirar um pouco mais. Antes, um breve contexto em sobrevoo.

Voar antes de escrever, e escrever apenas o que se arriscou

Importa lembrar, de início, que *O pequeno príncipe* nasceu no exílio, em plena Segunda Guerra Mundial. Foi publicado pela primeira vez em 1943 nos Estados Unidos, onde se refugiara o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, após a ocupação da França pela Alemanha nazista em 1940. Como piloto militar, ele havia lutado contra a força aérea alemã, mas a derrota e a consequente desmobilização do exército francês o compelem a deixar a terra natal, não sem amargura. Distante dos amigos, da família, da pátria e da carreira de aviador que tanto amava, Saint-Exupéry passou anos difíceis nos Estados Unidos, isolado por polêmicas inflamadas com outros franceses expatriados, que haviam se aliado a grupos de resistência no exterior, ao redor de Charles De Gaulle, por quem Saint-Exupéry nutria franca desconfiança.¹ Acusado por seus compatriotas de adotar uma posição neutra e não se engajar à causa resistente antifascista, o escritor-aviador, todavia, buscou insistentemente mobilizar os Estados Unidos a entrar na guerra contra a Alemanha e não poupou esforços também para se reintegrar às forças aéreas aliadas em combate. Seus pedidos foram recusados inúmeras vezes, pois o aviador já passava então dos quarenta anos e tinha a saúde bastante debilitada, devido a um longo histórico de acidentes aéreos, sofridos no exercício da profissão. Finalmente, no mesmo ano em que *O pequeno príncipe* é publicado nos Estados Unidos, Saint-Exupéry consegue obter a aprovação das autoridades militares para voltar a pilotar um avião de guerra e juntar-se à aviação francesa e às forças aliadas, num esquadrão no Mediterrâneo. Seu derradeiro voo decola às 8h45 do dia 31 de julho de 1944, em missão de reconhecimento, com o objetivo de recolher informações sobre a movimentação de tropas alemãs no sul da França. O avião desaparece sem deixar vestígios, e seus destroços só viriam a ser descobertos no fundo do Mediterrâneo nos anos 2000. O corpo do aviador nunca foi encontrado.

Desde os anos 1920, nos primórdios da aviação, Saint-Exupéry pilotava aviões militares e civis, participando posteriormente, de forma pioneira, na implantação de rotas de correio aéreo na África, no Atlântico Sul e na América do Sul, que se tornaram estratégicas para o fortalecimento da comunicação e poderio da França em suas colônias africanas e ao redor do

mundo. Entre 1929 e 1931, a serviço da Aeroposta Argentina, filial da Compagnie Général Aéropostale francesa, ocupou um cargo de direção em Buenos Aires, ponto de partida para voos pioneiros na região da Patagônia e escalas eventuais no Brasil.² Antes disso, também voava frequentemente entre Toulouse, Casablanca e Dakar, e chegou a chefiar, em 1927, o aeródromo em Cabo Juby, ao sul do Marrocos, onde dizem que aprendeu árabe e se tornou próximo de líderes locais, atuando na mediação de conflitos entre os mouros e as forças francesas ocupantes. Uma de suas tarefas principais era negociar a soltura de pilotos conterrâneos capturados, cujos aviões haviam sido abatidos ou sofrido acidentes e aterrisagens forçadas naquela região. De fato, cruzavam-se os ares em aviões bastante inseguros, numa época em que a aviação ainda engatinhava e as máquinas entravam em pane com frequência. Sobrevoando paisagens desertas, cordilheiras, mares e florestas ao redor do mundo, Saint-Exupéry trabalhou ainda como piloto de testes em arriscadas missões. Em suas travessias, passou por várias situações quase fatais. Em 1935, participou de um raide aéreo entre Paris-Saigon e o avião que pilotava, na companhia de seu fiel mecânico André Prévot, sofreu uma pane e caiu no deserto da Líbia. Por três dias, os dois caminharam a esmo e só não morreram desidratados porque foram resgatados a tempo por um grupo de beduínos. Quem se lembrou do aviador-narrador de *O pequeno príncipe*, perdido no deserto após um acidente aéreo, não está longe da verdade.

De fato, esta e outras experiências da vida aventureira e perigosa de Saint-Exupéry estão plasmadas nas muitas narrativas que escreveu sobre o universo da aviação: *O aviador* (1926), *Correio do Sul* (1929), *Voo noturno* (1931), *Terra dos homens* (1939), *Piloto de guerra* (1942), *O pequeno príncipe* (1943), *Carta a um refém* (1943/1944) e, em publicação póstuma, *Cidadela* (1948). Não se trata, contudo, de firmar uma correspondência mecânica entre vida e obra, reduzindo a literatura a mero registro de episódios biográficos. A aviação não é simplesmente um tema transposto à página, mas uma forma de ver, experimentar e pensar o mundo, que afeta decisivamente as formas de dizer. A escrita respira a atmosfera rarefeita dos longínquos espaços solitários, aéreos e desérticos, cuja amplitude convida à

meditação filosófica e à busca de sentidos para a existência, como notou muito bem Beatrice Sherman, uma das primeiras leitoras de *O pequeno príncipe*, em resenha publicada no jornal *The New York Times* em 1943, dias após o lançamento do livro.³ Voar e escrever se tornam, nessa perspectiva, movimentos indissociáveis. O autor é contundente: “voar antes de escrever e escrever apenas o que arriscamos”.⁴

Mas se a escrita é atividade de risco (uma outra modalidade de voo?), o que poderia haver de perigoso na história do príncipezinho, lida por muitos como uma fábula pueril, sentimental e edificante, repleta de lugares-comuns sobre a existência? Onde estão as turbulências? A vertigem? Há muitas décadas essa obra vem sendo largamente traduzida, comentada, difundida, reencenada, no campo artístico e em diferentes mídias, além de consumida numa infinidade de produtos, de canecas a *ecobags*. Nesse cenário de tanta exposição, vale perseguir algumas dimensões literárias audaciosas e perturbadoras, que buscaremos observar em duas frentes ou pontos de tensão, entrelaçados. Primeiro, consideraremos o impacto da guerra nessa fábula, criando uma atenção intranquila às coisas que foram perdidas e àquelas que podem, subitamente, desaparecer da face da terra, como a própria infância. Depois, refletiremos sobre a presença simultânea (e porosa) da criança e do adulto no jogo enunciativo dessa narrativa, construindo múltiplas maneiras de entrar e de apreciar a obra, que acabam por desafiar as definições de gênero e de público-alvo. Fábula infantil para adultos? Filosofia para crianças? Ou, como sugere Virginia Woolf sobre as aventuras de *Alice*, de Lewis Carroll, um livro em que *nos tornamos crianças*?⁵

Estilhaços da guerra

A experiência devastadora da Segunda Guerra Mundial se faz sentir em muitos aspectos de *O pequeno príncipe*, desde a séria abertura do livro. Na dedicatória, Saint-Exupéry conecta os leitores à situação vulnerável de seu melhor amigo, o escritor e crítico de arte judeu-francês Léon Werth,⁶ esse

adulto que “vive na França e passa fome e frio”. A barbárie comparece, de modo concentrado, na imagem desse corpo em sofrimento, exposto já na porta de entrada do texto. Como um ritual de passagem, será preciso atravessar essa primeira visão para ganhar acesso à narrativa do príncipezinho que virá nas páginas seguintes. Trava-se assim, de início, um pacto exigente entre autor e público. Saint-Exupéry convoca a infância, em aliança, para fazer da narração uma corrente afetiva, capaz de alcançar e dar consolo a quem se encontra refugiado e desprotegido dentro do próprio país. Projeta na história uma força terapêutica, potencialmente capaz de rejuvenescer aquele que lê. “Todos os adultos primeiro foram crianças. (Mas poucos deles se lembram disso.)” Cabe à história, então, a tarefa de lembrar aos adultos que um dia também foram crianças. Tal percepção teria um poder curativo, a narrativa sugere, capaz de salvar não apenas o amigo querido em situação de perigo, mas quem sabe, em escala utópica, toda a humanidade ameaçada de destruição.

Essa aposta contundente é também bastante incerta, como veremos, já que a sobrevivência da infância num mundo hostil à sua presença não está de forma alguma garantida, do início ao fim do livro. O desfecho ambivalente da história, que nos deixa diante da mais bela e triste paisagem do mundo, nas palavras do narrador, abisma os leitores na visão de uma página despovoada, em que o príncipezinho já não está. Sumiu de vez? Voltará? Quanto tempo dura a infância, na vida e no mundo? Para onde ela vai quando deixamos de vê-la? O essencial é invisível pros olhos?

Antes de desaparecer, o príncipezinho é aquele que chega de repente para despertar da solidão o aviador que, como ele, também caiu do céu. Juntos, negociam os termos de um desenho que coloca em jogo, justamente, aquilo que é possível ver ou não ver dentro da jiboia ou dentro da caixa. O laço entre os personagens se forja, desde os primeiros instantes, na visão penetrante que potencialmente compartilham, na faculdade de imaginar o que está desaparecido na imagem. De muitas formas, o segredo que a raposa transmitirá ao pequeno príncipe ao final da narrativa já está prenunciado nas primeiras cenas. Como em toda viagem iniciática, contudo, o herói precisará passar primeiro por uma série de encontros e provas,

antes de descobrir o que esteve sempre lá, mas que só se revela ao final da jornada, possibilitando a ele o retorno à casa, enriquecido pela sabedoria adquirida. É surpreendente, porém, como Saint-Exupéry lança mão desse roteiro clássico, tão disseminado na tradição literária ocidental desde a *Odisseia*, mas o desloca e o complica em diversos aspectos, seja duplicando os heróis, que percorrem jornadas próprias, porém entrelaçadas, já que o avião também realiza um percurso de autoconhecimento no contato com o príncipezinho, seja pela ausência radical de um desfecho triunfante. A guerra entra também por aí, minando a estrutura narrativa clássica, interditando o final feliz, tornando menos nítida a moralidade da história, ensombrecida pela coloração melancólica que atravessa todo o texto. Vejamos mais de perto.

Fugido de seu asteroide, o príncipezinho forasteiro despenca na terra e passa a experimentar tudo que encontra com espanto e curiosidade, disparando uma pergunta atrás da outra, sem nunca desistir delas. Teria a vida, em cada canto do universo, alguma chance de voltar a nascer, quando experimentada por quem acaba de chegar? A narrativa valoriza a perspectiva estrangeira do recém-chegado, capaz de estranhar o mundo e chacoalhar seus fundamentos. Ele passa a relatar ao avião, pouco a pouco, a vida que levava em seu minúsculo planeta, as razões de tê-lo abandonado, e a viagem que fez por vários asteroides, “para se instruir”. Sem conhecer os códigos que regem cada um dos planetas que visita, o pequeno personagem interpela os habitantes locais com perguntas diretas, que põem a nu o sem-sentido daqueles sistemas de mundo. Cada planeta é habitado por apenas um homem (onde estão as mulheres?), reduzido a uma função específica, que o absorve integralmente em moto-contínuo. São criaturas isoladas, sem qualquer vínculo com seus semelhantes, e gastam a vida na repetição mecanizada dos mesmos gestos, executados para ninguém. Como muitos comentadores apontam, Saint-Exupéry cria figuras alegóricas, que exacerbam de modo caricato aspectos desumanizadores do mundo moderno, em sua feição autoritária, arrogante, materialista, alienante e burocrática. O narrador-aviador nos adverte, em chave irônica, que esses homens isolados em estrelas distantes são, de fato, habitantes do planeta

Terra e ali se amontoam em grandes quantidades: “Nela há cento e onze reis (sem esquecer, claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de homens que bebem, trezentos e onze milhões de vaidosos... Ou seja, por volta de dois bilhões de adultos”. Teriam esses homens embotados, tão diligentes na execução automática e irrefletida de suas tarefas, tão ocupados na contagem frenética de números e produção de estatísticas, alguma responsabilidade no despovoamento da Terra?

Não à toa, a primeira impressão do príncipezinho ao chegar à Terra é a surpresa por não encontrar ninguém lá. É a serpente quem confirma o vazio: “Aqui é o deserto. Não há ninguém nos desertos”. Esse espaço seco, desabitado e imenso, onde a morte está sempre à espreita, atualiza a imagem niilista da terra devastada,⁷ tão prevalente no imaginário europeu ocidental do período entreguerras. Diante de um novo conflito mundial e isolado de seu país, Saint-Exupéry lamenta agudamente a rendição da França à Alemanha nazista. Como para muitos de seus contemporâneos, a derrota não é apenas experimentada como evento bélico, mas como violento colapso dos valores civilizatórios com os quais se construíram muitas das ilusões modernas de felicidade, solidariedade e emancipação. Nesse aspecto, a imagem do deserto é eloquente. Mas caberia perguntar ainda: o que deixa de ser visto, quando o autor conjura a imagem da terra despovoada? Onde estão os habitantes desse território desértico, que Saint-Exupéry conheceu tão bem, quando esteve a serviço do imperialismo francês nas colônias africanas? O que significa escrever que “não há ninguém nos desertos”? Que povos desaparecem nesta frase? Que apagamentos o olhar colonial produz? O lamento pela derrocada dos valores humanistas civilizatórios parece deixar intactos os valores (desumanizadores) do colonialismo europeu. Esta tensão percorre a narrativa de *O pequeno príncipe* e entrelaça a história que se conta à história que se silencia. Curiosamente, há um episódio em *O pequeno príncipe* em que a perspectiva eurocêntrica é exposta e ridicularizada, sem deixar de permanecer operante, na imagem do astrônomo turco, cuja

demonstração científica só é levada a sério quando ele é obrigado a abdicar de suas vestes tradicionais (sob pena de morte, por decreto de um ditador turco!) e trocá-las por um terno muito elegante, à moda europeia. Filigranas de ironia...

Se, para Saint-Exupéry, a paisagem desértica ajuda a intensificar os efeitos devastadores de um mundo exterminado, é ainda no deserto que será possível confrontar as perdas e reinvestir de sentido o mundo. Segundo o professor de literatura francesa Philippe Forest, não há revelação na literatura de Saint-Exupéry, senão pela perda.⁸ Porque a rosa é perdida, porque o planeta é perdido, algo se mostra. Assim também com a infância no livro. É preciso atravessar a experiência de seu desaparecimento para imaginar outras formas de fazê-la ressurgir na vida. Reiniciar o mundo a partir de um risco na página. As linhas riscadas compõem uma caixa. Dentro da caixa, algo começa a balir...

Por que essas lágrimas, afinal? É só uma história infantil.⁹

Propomos agora um breve passeio por algumas resenhas críticas de *O pequeno príncipe*, publicadas no calor da hora, quando o livro foi lançado no Estados Unidos em 1943. Olhar para essas primeiras impressões de leitura é uma tentativa de voltar a estranhar uma obra já tão conhecida. O que teria chamado a atenção desses leitores de primeira viagem, contemporâneos de Saint-Exupéry?

A ambivalência quanto ao público-alvo aparece como aspecto recorrente nas primeiras críticas do livro, que, aliás, não chegou a alcançar sucesso imediato. “Sabe-se lá o que acontecerá nas vendas”, especulou inicialmente a crítica (não assinada) da revista *Kirkus Reviews*. Em seguida, diz esperar que “as pessoas certas” se interessem pelo livro, “aqueles raros adultos que sabem ultrapassar a fronteira da Terra do Nunca sem olhar pra trás”.¹⁰

Por um lado, a inclusão de delicadas aquarelas, pintadas pelo próprio autor, conferia ao livro uma visualidade reconhecidamente “infantil”, conforme destacou Beatrice Sherman no *The New York Times Book*

Review:¹¹ “[...] uma fábula acompanhada por imagens delicadas e encantadoras do pequeno príncipe e de suas aventuras. [...] As ilustrações, em vívidas e límpidas aquarelas, têm a textura frágil e etérea do vento, das estrelas, da altitude. Em sua crua simplicidade, elas nos remetem às coisas que as próprias crianças gostam de desenhar”.

Além das ilustrações, outros aspectos contribuíam para posicionar a obra na categoria “infantil”, como a linguagem simples e dialogada, bem como a estrutura episódica e a brevidade do texto. Segundo Pamela L. Travers, autora do celebrado livro *Mary Poppins* (1934): “Não há dúvida de que *O pequeno príncipe* reúna as três características indispensáveis a livros infantis. A obra é verdadeira no sentido mais íntimo do termo, não oferece explicações e contém uma moral”. Mas logo surge um elemento complicador: “[...] moral esta que, no entanto, vincula o livro mais ao mundo adulto do que ao jardim de infância. Para que seja entendida, a história requer um coração tensionado ao máximo pelo sofrimento e pelo amor, o tipo de coração que, com sorte, não encontraremos em muitas crianças”.¹²

P. L. Travers toca num ponto central, compartilhado por muitos comentadores posteriormente. A nostalgia da infância, apregoada desde a epígrafe do livro, seria um sentimento possível apenas por quem já deixou de ser criança, ou seja, por leitores mais velhos, jovens e adultos, capazes de pôr em perspectiva experiências e sensações de outrora, que passam a ser valorizadas exatamente porque delas já se encontram afastados. Uma história que lamenta o esquecimento da infância e deseja restaurá-la no ato de leitura só poderia apelar à gente grande. O segredo revelado pela raposa não teria assim qualquer serventia às crianças, já que “elas prescindirão do seu segredo até que o tenham esquecido e precisem reencontrá-lo”. Beatrice Sherman resume com precisão o argumento de Travers: “*O pequeno príncipe* é uma parábola para adultos sob o disfarce de uma simples história infantil”. Mas logo se mostra insatisfeita com o diagnóstico. Balançando a própria convicção, passa a admitir as crianças na plateia, como se reconhecesse nelas a capacidade de burlar a engenharia do texto e mostrar,

afinal, que a história também lhes pertence: “Para as crianças, o livro há de parecer tão interessante e imaginativo quanto os melhores contos de fadas”.

A conexão com o público infantil se manteria viva, assim, graças a alguns componentes bastante familiares aos contos tradicionais: o tom fabular e a dimensão do maravilhoso, irradiada nas viagens interplanetárias do príncipezinho e em sua interação com seres falantes como a rosa e a raposa, personagem conhecida por sua astúcia e ardil, e por isso mesmo tida como inconfiável numa longa tradição literária, que remonta à Idade Média. Que a verdade da história seja revelada justamente pela boca de um personagem traíçoeiro é um procedimento irônico que não deverá passar despercebido aos “leitores mais experientes”. Mas a piscadela do autor aos adultos tampouco deveria ser condição determinante para a fruição da história por outras sensibilidades, como ressalva P. L. Travers: “A pequena raposa as comoverá apenas por ser uma raposa. [...] Crianças são como esponjas: seus poros são encharcados pela essência de todo livro que leem, mesmo dos que não entendem. *O pequeno príncipe* iluminará seus pequenos leitores como um feixe oblíquo: atingi-los-á em algum lugar que não a mente, e lá brilhará até que seja a hora de que eles o compreendam”.

O vaivém dessas proposições coloca em evidência o terreno movediço da narrativa, que não se deixa capturar num só rótulo. É bonito observar como as resenhas enfrentam as novidades da obra e não se furtam a traçar e retraçar os próprios passos, de modo que cada novo comentário desloca expressivamente o anterior, criando efeitos prismáticos que buscam fazer jus à complexidade do texto. Ninguém consegue cravar uma definição pacífica do que acabou de ler. Os resenhistas vão testando a insuficiência dos próprios critérios de análise, não se acanham em mudar de ideia e de rumo, aproximando o livro ora dos adultos, ora das crianças, e dessa maneira exploratória, vão ajudando a imaginar uma audiência alargada para a história.

De fato, o que singulariza *O pequeno príncipe* é o modo como a narrativa se estrutura em torno da relação entre um adulto e uma criança. As fronteiras entre os dois personagens vão sendo tateadas e borradas ao longo da trama. De um lado, lemos a história de um adulto secretamente ligado à

sua própria infância, que o príncipezinho ajudará a despertar. Ele nos diz que escreve para não esquecer do amigo e não acabar como os adultos, que só se interessam por números. “Talvez me achasse parecido com ele”, confessa. O “talvez” importa, porque não se trata de uma identificação plena. “Talvez eu seja um pouco como os adultos”, remenda. A posição flutuante do narrador entre infância e adulez nunca sai de cena: “Eu não sabia direito o que dizer. Estava me sentindo um desastrado. Não sabia como chegar até ele, como ir ao seu encontro”. De outro lado, pela mediação do aviador, lemos a história do príncipezinho, um personagem caracterizado pelo diminutivo, porém de idade indefinida. Em muitos aspectos, ele se aproxima do adulto, pela “vidinha melancólica” que levava em seu asteroide, pelas razões que o fizeram abandonar a casa (o amor tortuoso da rosa), e pela sabedoria grave de suas sentenças: “o que torna o deserto belo é fato de que em algum lugar ele oculta um poço”. Ao mesmo tempo, o príncipezinho é aquele que pede um desenho e de repente desata a chorar. A criança, no livro, tem muitas idades, assim como o adulto. A narração vai tornando instáveis as demarcações, à medida que aprofunda os vínculos e trânsitos entre os dois amigos. Daí a estranheza, porque os personagens não estão lá onde costumamos achá-los. A infância não coincide com a infância. O adulto não coincide com o adulto. São estados de passagem, elásticos e permeáveis, que a narrativa convida a percorrer em vertigem. Por isso nela cabem muitos leitores e leitoras.

Para entrar na história, fica combinado, ninguém precisa dizer quantos anos tem. Isso já o sabem legiões de aficionados há gerações. A senha é outra, como nos sopra o narrador. Basta saber perguntar: “Como é o som da voz dele? Do que ele gosta de brincar? Ele coleciona borboletas?”. São as miudezas (des)importantes que aproximam a gente do coração selvagem das coisas. Mais perto de nós, a escritora brasileira Clarice Lispector perguntava parecido: *Como prolongar o nascimento pela vida inteira?*

ROSANA KOHL BINES é professora associada do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-RIO. É pesquisadora do CNPq com projetos voltados aos estudos da infância na literatura.

1 As relações conturbadas de Saint-Exupéry com outros expatriados franceses nos Estados Unidos são discutidas detidamente no ensaio de Catherine Savage Brosman, “French Intellectuals in the Americas During World War II” [“Intelectuais franceses nas Américas durante a Segunda Guerra Mundial”]. *The Sewanee Review*. Vol. 118, nº 2, 2010, pp. 243-258.

2 Saint-Exupéry costumava usar o campo aéreo de Campeche, em Florianópolis, como local de escala entre Paris e Buenos Aires. Quem hoje visitar a cidade catarinense poderá cruzar a Avenida Pequeno Príncipe, batizada em homenagem à obra mais conhecida do escritor-piloto.

3 Beatrice Sherman, “A Prince of Lonely Space”. *The New York Times Book Review*, 11 de abril de 1943. Disponível em: <www.nytimes.com/1943/04/11/archives/a-prince-of-lonely-space-the-little-prince-written-and-drawn-by.html>.

4 Tradução livre do texto original em francês: “*voler avant d’écrire, et n’écrire que ce que l’on a risqué*”, frase de Saint-Exupéry comentando o sucesso de seu livro *Terra dos homens* (1939). As conexões entre literatura e aviação são tema incontornável das várias biografias publicadas sobre o autor. No Brasil, essas conexões na obra de Saint-Exupéry são foco do trabalho de Mônica Cristina Corrêa. Ver, em especial, sua introdução ao livro *Piloto de guerra*, que ela também traduziu. Corrêa, “A guerra é uma doença”. In: SAINT-EXUPÉRY, A. *Piloto de guerra*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2015.

5 O texto da escritora inglesa Virginia Woolf, escrito em 1939 por ocasião da publicação da primeira obra completa de Lewis Carroll, circulou originalmente na revista londrina *News Statement and Nation*, e integra a edição de *Alice através do espelho* publicada no Brasil pela editora Cosac Naify.

6 Léon Werth havia confiado o texto de suas memórias ao amigo Saint-Exupéry, na expectativa de que ele encontrasse meios de publicá-lo nos Estados Unidos, o que não foi possível. Mas Saint-Exupéry escreveu, de modo independente, um comovente prefácio ao texto, que intitulou *Carta a um refém*, lançado no mesmo ano de *O pequeno príncipe*, em 1943. Esse prefácio, inclusive, repercutiu fortemente junto ao público estadunidense, ampliando a consciência dos horrores da guerra. Apenas em 1992, o manuscrito das memórias de Werth foi reencontrado e, posteriormente, publicado, em edições que passaram a incorporar o prefácio escrito por Saint-Exupéry.

7 Faço referência aqui ao célebre poema “The Waste Land” [“A terra devastada”], do escritor estadunidense T. S. Eliot, publicado em 1922, nos rescaldos da Primeira Guerra Mundial.

8 Philippe Forest, “Chacun est seul responsable de tous: morale de Saint-Exupéry”. *Études françaises*. Vol. 46, nº 1, 2010, pp. 15-25.

9 Palavras da livreira parisiense Adrienne Monnier, desconcertada com a sua própria emoção, ao terminar a leitura de *O pequeno príncipe*. Monnier foi responsável pela publicação da narrativa de estreia de Saint-Exupéry, *O aviador* (1926), na revista *La navire d’argent* [O navio de

prata], influente periódico literário da cena intelectual parisiense os anos 1920, por onde circularam também obras de importantes escritores da chamada “Geração Perdida”, como T. S. Eliot, James Joyce, Ernest Hemingway, entre outros. Ver Monnier, “Saint-Exupéry and *Le Petit Prince*”. *The Very Rich Hours of Adrienne Monnier*, Trad. Richard McDougall, University of Nebraska Press, 1976. pp.155-158.

10 Resenha publicada no dia 6 de abril de 1943. Disponível em: <www.kirkusreviews.com/book-reviews/antoine-de-saint-exupery/the-little-prince-3>.

11 Beatrice Sherman, op. cit.

12 Resenha publicada em 11 de abril de 1943 no *The New York Herald Tribune*.

Um diálogo sobre infâncias

por
Thiago Queiroz

E cá está você, ainda tão mexido com um príncipezinho, que continua a buscar por mais textos. Por que *O pequeno príncipe* nos afeta tanto? Afinal, somos adultos crescidos e sabemos de tudo sobre a vida.

Eu sempre me pego imaginando, ao terminar de ler *O pequeno príncipe*, como seria estar no lugar daquele príncipezinho, atravessando um deserto e encontrando algum animal que pudesse me explicar mais sobre as coisas da vida.

Encontrar, quem sabe, um pequeno ouriço nessas andanças, que me explicasse por que é que essa leitura me abala tanto, ou que me contasse o que é o afeto. Gostaria de ouvir sobre como deve ser difícil para um ouriço entender e receber afeto, uma vez que, tal como a famosa rosa, boa parte de seu corpo é coberto por espinhos.

Acho que eu me identifico com o ouriço, e talvez você se identifique também: uma vida inteira crescendo espinhos para me proteger da própria vida. Espinhos e armaduras para ter a sensação de resistência, de impenetrabilidade, mas que, na verdade, só me impedem de sentir qualquer coisa, especialmente afeto.

A forma mais simples — e potente — de dar e receber afeto, para mim, é o abraço. E, por vezes, um abraço amigo pode durar tempo demais, tempo suficiente para que se torne constrangedor. Uma sobrecarga de afeto com que ninguém está exatamente preparado para lidar, que tenta dobrar os meus espinhos, quebrá-los até.

O mesmo acontece com este livro, que tem uma forma de abraço também, mas que me atravessa e me toca tanto que, por vezes, me pego encolhido na cadeira, tentando voltar para dentro da minha armadura de espinhos.

Por que isso acontece?

A história desse príncipezinho segue nos ensinando e nos lembrando do que é realmente importante na vida. E as nossas experiências pessoais com a leitura deste livro podem variar muito de acordo com o momento em que estamos.

Aqueles de nós que lemos este livro quando éramos crianças normalmente nos lembramos de ficar carregados do sentimento de “nossa, é isso mesmo! Os adultos não sabem de nada, eles são muito esquisitos!”.

Mas quando revisitamos a obra enquanto adultos, a percepção pode ser bastante diferente. Talvez soe mais como “nossa, o que fiz da minha vida? Quando foi que parei de olhar para o céu e rir com as estrelas?”.

Onde foi que nos perdemos? Para mim, todos nós, os *adultos* esquisitos, vivemos no que que chamo de “pressa nostálgica”: corremos para fugir da infância, e para nos tornarmos adultos autônomos e produtivos, ao passo que também nos tornamos saudosistas da época em que éramos crianças.

Se não corrêssemos tanto com as infâncias — nossas e alheias — não haveria tanta necessidade de lembrar delas com tamanha melancolia. Talvez, se olhássemos de uma forma diferente para a infância, as coisas fossem diferentes.

Talvez, se nos permitíssemos viver e valorizar a infância, não usaríamos a palavra “infantil” com conotação negativa. Talvez, se não desprezássemos as perguntas que nos fazem a todo tempo, mesmo naqueles que nos parecem os momentos mais inoportunos. Talvez, se não encarássemos as crianças como pequenos seres improdutivos, que só causam problemas.

Depois que eu tive filhos, comecei a pensar sobre tudo isso, sobretudo sobre o que as crianças produzem. Para mim, as produções mais importantes das crianças estão na folha de papel, nos desenhos e, mesmo que, para nós — adultos esquisitos — desenhos de criança sejam apenas

rabiscos sem sentido num papel, enxergar as infâncias sob um novo ângulo inevitavelmente nos provoca a enxergar seus desenhos sob um novo ângulo.

Quando uma criança, seja ela seu filho ou não, lhe apresenta um desenho, o que você diz? Essa questão é tão importante, inclusive, que deveria estar entre as perguntas primárias do príncipezinho, sempre feitas quando se conhece uma nova pessoa.

“Como é o som da voz dele?”

Do que ele gosta de brincar?

Ele coleciona borboletas?”

O que ele responde quando uma criança lhe apresenta um desenho?

O príncipezinho vem nos lembrar sobretudo da importância dos vínculos. Nós, humanos, somos seres sociais, e vínculo afetivo é algo tão importante quanto qualquer necessidade física. É o que também garante a nossa sobrevivência enquanto espécie, principalmente quando criamos pequenos seres humanos.

Donald Winnicott, psicanalista britânico, dizia que, quando temos um filho, precisamos retornar às nossas infâncias, às nossas memórias, e apenas quando isso é feito de forma eficaz conseguimos nos comunicar, nos relacionar e nos vincular com os nossos filhos. É necessário regredir aos estágios primários da vida, porque é nesse movimento que retornamos à infância e conseguimos entrar em sintonia com o bebê e, eventualmente, a criança.

Isso faz parte dos cuidados primários que ajudam a formar o indivíduo integrado que somos. Porém, esse retorno à infância é cada vez mais raro. Um dos problemas nisso tudo é retornar a algo que, às vezes, é dolorido demais. Memórias que foram escondidas de nós mesmos — e por nós mesmos — em uma tentativa de autoproteção.

Cada vez mais a infância é menosprezada, acelerada por adultos que são bem representados nas viagens do príncipezinho. Adultos autoritários, vaidosos, que bebem demais para calar suas dores, ou que estão demasiadamente ocupados fazendo contas, trabalhando, sendo produtivos e exatos. Adultos que se acham importantes demais, ou que simplesmente seguem instruções demais.

É necessária uma pequena raposa, no entanto, que nos lembre que o essencial, assim como o vínculo, também é invisível pros olhos.

Por que, então, queremos apressar tanto a infância? Por que aguardamos com tanta avidez que um bebê segure sua própria mamadeira e dê cabo de sua fome, longe do colo? Por que o momento do desfralde de uma criança é celebrado e comparado, como se vivêssemos num campeonato de quem faz suas necessidades num pinico primeiro?

Por que adoramos tanto acelerar a infância a ponto de comemorarmos quando uma criança “está adiantada” e aprende a ler muito antes da idade considerada ideal?

Qual o custo de tudo isso? O custo, infelizmente, também é invisível pros olhos, mas essencial ao coração. Quanto do vínculo não é prejudicado nessa pressa, quantas perguntas não deixaram de ser respondidas nesse caminho? Quantas estrelas foram ignoradas nessa viagem?

O tempo se esvai rápido demais, tão rápido que logo, logo, anos terão se passado e chega o momento em que os nossos príncipezinhos encontram um clarão de luz amarela perto dos tornozelos e partem para novas viagens, dando adeus à infância.

É nesse momento em que você vai se lembrar da pergunta:

O que eu respondi quando ele me apresentou seus desenhos?

Você vai se lembrar de todas as vezes que mal desviou o olhar do celular antes de dizer:

Nossa, que lindo está!

Uau, você é um excelente desenhista!

Puxa, você deixa o papai (ou a mamãe) muito feliz.

E, então, vai perceber que foram todas falas vazias, que aquela discussão no grupo de WhatsApp poderia esperar, que aquela fofoca no Instagram era, na verdade, uma fuga, tal qual a bebida para o homem do asteroide 327.

E que, talvez, você pudesse ter perguntado sobre a escolha da cor do telhado, sobre o que haveria dentro da caixa, ou sobre o risco de a ovelha comer a rosa, se estivesse próxima demais dela.

Pode ser que estejamos fugindo de tudo isso, fugindo de viver esses momentos e, portanto, de criar esses vínculos porque, em última instância, se vincular é se deixar encantar. E todos nós corremos o risco de chorar um pouco quando nos deixamos encantar.

THIAGO QUEIROZ é pai, escritor, palestrante e educador parental. Criou o site Paizinho, Vírgula! para produzir conteúdo sobre formas de educar filhos sem violência, com afeto e vínculo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S157p

Saint-Exupéry, Antoine de

O pequeno príncipe / Antoine de Saint-Exupéry ; traduzido por Heloisa Jahn. – Rio de Janeiro :
Antofágica, 2022.

Formato: ebook

Título original: Le petit prince

ISBN: 978-65-86490-61-9

1. Literatura francesa. I. Jahn, Heloisa. II. Título.

CDD: 840

CDU: 821.133.1

André Queiroz – CRB 4/2242

Todos os direitos desta edição reservados à

Antofágica

prefeitura@antofagica.com.br

facebook.com/antofagica

instagram.com/antofagica

Rio de Janeiro — RJ

1ª edição, 2022.

**PARA HELOISA JAHN,
QUANDO ERA MENINA.**



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

inspirada em

O pequeno príncipe pela Companhia Delas de Teatro. Escaneie o QR Code acima para acessar.

Entre um pôr do sol e outro, a equipe da Ipsis Gráfica

Se você gostou deste título, sugerimos conhecer:

Um conto de Natal

A ilha do tesouro

A revolução dos bichos